DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love
Converted by ePubtoPDF

TERRA DOS HOMENS

Antoine de Saint-Exupéry

Título original: Terre des Hommes

- Éditions GalLimard, 1939

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 Botafogo—22251-050
Rio de Janeiro—RJ—Brasil
Tel.:(21)2131-1111-Fax:(21)2537-2659
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros,_RJ.

S144t Saint-Exupéry, Antoine de, 1900-1944
Terra dos homens/ Antoine de Saint-Exupéry; tradução Rubem Braga.—1.ed. especial.—Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

(40 Anos, 40 Livros)
Tradução de: Terre des hommes ISBN 85-209-1848-4

1. Romance francês. 1. Braga, Rubem,
1913-1990. II. Título. III. Série.

CDD 843 CDU 821.133.1-3

Apresentação

Ao reler agora o livro Terra dos Homens, de Antoine de Saint-Exupéry, confesso que fico em dúvida: terá sido a musa da poesia que enriqueceu a narrativa de um notável piloto ou o próprio destino de piloto fez o escritor voar não só nas asas do vento como nas asas dos versos?

Antoine Marie Roger de Saint-Exupéry nasceu em Lyon, na França, no primeiro ano do século XX.

Cresceu ao mesmo tempo em que se desenvolvia a pesquisa do nosso Santos Dumont e dos irmãos Wildur e Orville Wright nos Estados Unidos. E precocemente, aos 12 anos de idade, ao voar num balão, descobriu sua vocação. Vocação para conviver com estrelas, para estar em permanente contato com as forças da natureza, junto às nuvens, de frente para ventos, auroras, desertos, planícies e cordilheiras.

Saint-Exupéry tornou-se piloto civil aos 21 anos. Aos 26 integrou a equipe que foi sobrevoar o Saara e os Andes levando o correio aéreo da Europa para a África e a América do Sul. Como devia ser a emoção de voar em aparelhos tão pequenos, contando apenas com a hélice e sem nenhuma pressurização? É dessa emoção a matéria deste livro. É nele que o autor nos fala de desassombros e devaneios.

Fala de amigos e de companheiros como Mermoz e Guillaumet. Mermoz, fundador da linha francesa de Casablanca a Dacar, "depois de construir uma ponte sobre o Saara devia lançar outra sobre os Andes". Embora os picos da Cordilheira subam a sete mil metros, o avião que lhe foi dado pilotar ascendia a cinco mil e duzentos metros. O relato de Saint-Exupéry é o tempo todo comovente e vai ganhando uma suave dramaticidade até falar do dia em que, sobrevoando mais uma vez o Atlântico Sul, Merrnoz, "numa rápida mensagem", diz que o motor da direita estava falhando. Depois, silêncio. O terceiro capítulo de Terra dos homens é dedicado ao companheiro Guillaumet e vale a pena transcrever um pequeno trecho:

"O uso de um instrumento sábio não fez de você um técnico seco. Sempre me pareceu que as pessoas que se horrorizam muito com nossos progressos técnicos confundem o fim com o meio.

Na verdade, quem luta apenas na esperança de bens materiais não colhe nada que valha a pena viver.

Mas a máquina não é um fim. O avião não é um fim: é um instrumento; um instrumento como a charrua.

Se às vezes julgamos que a máquina domina o homem é talvez porque ainda não temos perspectiva bastante para julgar os efeitos de transformações tão rápidas como essas que sofremos!"

E conclui:

"Que são os cem anos da história da máquina em face dos duzentos mil anos da história do homem?"

A tradução do cronista Rubem Braga tão principesco quanto Saint-Exupéry é um verdadeiro primor que valoriza ainda mais esta obra que, só na França, já vendeu três milhões de exemplares.

Armando Nogueira

Nota do tradutor

Revendo meu trabalho para a Segunda Edição brasileira deste livro, devo apresentar agradecimentos a um leitor que fez, em carta, a crítica de minha tradução. Trata-se do sr. Charles Astor, aviador francês, que vive em nosso país.

Acolhi quase todos os reparos de sua crítica autorizada, e muito lhe agradeço as lições que me deu.

R.B.

Rio, julho de 1946.

Henri Guillaumet,

meu companheiro, dedico-lhe este livro.

INTRODUÇÃO

Mais coisas sobre nós mesmos nos ensina a terra que todos os livros. Porque nos oferece resistência. Ao se medir com um obstáculo o homem aprende a se conhecer; para superá-lo, entretanto, ele precisa de ferramenta. Uma plaina, uma charrua. O camponês, em sua labuta, vai arrancando lentamente alguns segredos à natureza; e a verdade que ele obtém é universal.

Assim o avião, ferramenta das linhas aéreas, envolve o homem em todos os velhos problemas.

Trago sempre nos olhos a imagem de minha primeira noite de voo, na Argentina, uma noite escura onde apenas cintilavam, como estrelas, pequenas luzes perdidas na planície.

Cada uma dessas luzes marcava, no oceano da escuridão, o milagre de uma consciência. Sob aquele teto alguém lia, ou meditava, ou fazia confidências. Naquela outra casa alguém sondava o espaço ou se

consumia em cálculos sobre a nebulosa de Andrômeda.

Mais além seria, talvez, a hora do amor. De longe em longe brilhavam esses fogos no campo. como que pedindo sustento. Até os mais discretos: o do poeta. o do professor, o do carpinteiro. Mas entre essas estrelas vivas, tantas janelas fechadas, tantas estrelas extintas, tantos homens adormecidos...

É preciso a gente tentar se reunir. É preciso a gente fazer um esforço para se comunicar com algumas dessas luzes que brilham, de longe em longe, ao longo da planura.

1 - A Linha

I

1926. Eu acabava de entrar, como jovem piloto de linha, para a Société Latécoère, que assegurou, antes da Aéropostale, hoje Air-France, a ligação Toulouse-Dacar. Ali aprendia o ofício.

A meu turno, como os companheiros, fazia o noviciado que era preciso fazer antes de ter a honra de pilotar o correio aéreo. Provas de aparelhos, viagens entre Toulouse e Perpignan, tristes lições de meteorologia no fundo de um hangar glacial. Vivíamos no temor das montanhas de Espanha, que não conhecíamos ainda, e no respeito aos veteranos.

Esses veteranos, nós os encontrávamos no restaurante, aborrecidos, um pouco distantes e eles nos concediam de muito alto os seus conselhos. E quando um deles, que vinha de Alicante ou de Casablanca, chegava arrasado, o blusão gotejante de chuva, e um de nós, timidamente, o interrogava sobre a viagem, suas respostas breves, nos dias de tempestade, construíam para nossa imaginação um mundo fabuloso, cheio de ciladas e armadilhas, e de rochedos que surgiam bruscamente e remoinhos capazes de arrancar cedros pelas raízes. Dragões negros defendiam a entrada dos vales e feixes de relâmpagos coroavam as cristas. Aqueles veteranos entretinham sabiamente nosso

respeito. Mas de vez em quando, respeitável para a eternidade, um deles deixava de voltar.

Lembro-me bem de uma chegada de Bury, que mais tarde morreu em Corbières. O velho piloto sentara-se no meio de nossa turma e comia pesadamente sem dizer nada, os ombros ainda abatidos pelo esforço. Era uma dessas noites más em que, de uma ponta a Outra da linha, o céu está entupido e todas as montanhas parecem ao piloto rolar na escuridão suja como os canhões de amarras arrebentadas que devastavam a coberta dos veleiros antigos.

Encarei Burv, engoli um pouco de saliva, e ousei afinal perguntar se o vôo havia sido duro. Burv não me ouvia, a testa enrugada, a cabeça inclinada sobre o prato. A bordo dos aviões descobertos, nos dias de mau tempo, era preciso se inclinar fora do pára-brisa para ver melhor: e o chicote da ventania fustigava longamente as orelhas. Afinal Burv ergueu a cabeça, pareceu me ouvir, lembrar se e, bruscamente, soltou uma risada clara. E aquele riso maravilhou-me, porque Bury ria pouco. Aquele riso breve que lhe iluminava o cansaço. Não deu nenhunia outra explicação de sua vitória: baixou a cabeça e pôs-se novamente a mastigar em silêncio. Mas no ambiente cinza do restaurante, entre os pequenos funcionários que ali descansavam de suas humildes fadigas quotidianas, aquele companheiro de ombros pesados me pareceu de uma estranha nobreza; sob a rude crosta do homem sentia-se o anjo que havia vencido o dragão.

Veio enfim a tarde em que, por minha vez, fui chamado ao gabinete do diretor.

Ele me disse simplesmente:

— O senhor vai partir amanhã.

Fiquei ali, de pé, esperando que me mandasse embora. Depois de um curto silêncio acrescentou:

— Está bem a par das ordens?

Naquele tempo os motores não ofereciam a segurança dos motores de hoje. Muitas vezes falhavam de repente, sem prevenir, com uma grande barulheira de louça quebrada. E a gente voltava os olhos para a crosta rochosa da Espanha onde eram raros os refúgios. "Aqui, quando o motor se quebra—dizíamos—,o avião não tarda a fazer o mesmo." Mas um avião se substitui, o importante, acima de tudo, era não abordar o rochedo às cegas.

Por isso éramos, sob pena das mais graves sanções, proibidos de

sobrevoar os mares de nuvens nas zonas montanhosas. O piloto em pane, varando aquela estopa cor de leite, iria esbarrar num pico invisível.

Eis por quê, naquela noite, uma voz lenta insistia pela última vez na ordem: — É muito bonito navegar pela bússola, na Espanha, sobre os mares de nuvens; é muito elegante, mas...

E mais lentamente ainda: - mas não se esqueça: abaixo dos mares de nuvens... é a eternidade. Assim, bruscamente, aquele mundo calmo, tão unido, tão simples, que se descobre quando se emerge das nuvens, tomava para mim um valor desconhecido. Aquela doçura transformava-se numa armadilha. Eu imaginava a enorme armadilha branca preparada ali, sob meus pés. Abaixo das nuvens não reinava, como se poderia crer, nem a agitação dos homens, nem o tumulto, nem a viva trepidação das cidades, e sim um silêncio ainda mais absoluto, uma paz ainda mais definitiva, Aquela cortina branca era para mim a fronteira entre o real e o irreal, entre o conhecido e o desconhecido, E eu percebia desde logo que um espetáculo só tem um sentido através de uma cultura, de uma civilização, de um oficio. Os montanheses também conheciam os mares de nuvens; entretanto não percebiam a cortina fabulosa.

Quando saí do escritório sentia um orgulho pueril. Ia eu também ser, a partir daquela madrugada, responsável por um grupo de passageiros, responsável pelo correio da Africa. Mas sentia, ao mesmo tempo, uma grande humildade. Não me julgava bem preparado. A Espanha era pobre em refúgios; eu temia, na ocasião de uma pane ameaçadora, não saber onde procurar o campo de emergência. Curvara-me, sem achar os ensinamentos que me interessavam, sobre a aridez dos mapas. COm a alma cheia dessa mistura de timidez e orgulho fui passar aquela vigília de armas em casa de meu companheiro Guillaumet. Guillaumet precedera-me no serviço. Guillaumet conhecia os trtiques para desvendar os segredos de Espanha. Eu precisava ser iniciado por Guillaumet.

Quando entrei, ele sorriu:

— Sei da novidade. Está contente?

Foi ao armário apanhar o vinho do porto e os copos.

Voltou com seu sorriso:

— Vamos regar isso. Você vai ver, tudo ira bem.

Espalhava a confiança como uma lâmpada espalha luz, aquele companheiro que mais tarde haveria de bater o recorde das travessias do correio aéreo da Cordilheira dos Andes e do Atlântico Sul.

Naquela noite, alguns anos antes, em mangas de camisa, os braços cruzados sob a lâmpada, sorrindo o mais reconfortante dos sorrisos, ele me disse simplesmente: "As tempestades, a bruma, a neve, por vezes essas coisas o incomodarão. Pense então em todos os que conheceram isso antes de você e diga assim: o que eles fizeram eu também posso fazer." No entanto desenrolei meus mapas e pedi-lhe para rever um pouco, ali comigo, a rota da viagem. E debruçado sob a lâmpada, apoiado ao ombro do veterano, reencontrei a paz do colégio.

Mas que estranha lição de geografia recebi! Guillaumet não me ensinava a Espanha: ele fazia da Espanha uma amiga para mim.

Não me falava nem de hidrografia, nem de populações, nem de pecuária. Não me falava de Guadix, mas de três laranjeiras que existem em um campo, próximo a Guadix: "Desconfie delas; é bom assinalá-las aí no mapa..." E as três laranjeiras tomavam mais espaço na carta que a serra Nevada. Não me falava de
Lorca, mas de uma simples fazenda perto de Lorca. Uma fazenda viva. E falava do fazendeiro. E da fazendeira. E aquele casal perdido no espaço, a quinhentos quilômetros de nós, assumia uma importância desmesurada. Bem instalados na vertente de sua montanha, como guardas de um farol, sob as estrelas, aqueLe homem e aquela mulher estavam sempre prontos a socorrer homens.

Tirávamos assim do esquecimento, de sua inconcebível obscuridade, detalhes ignorados de todos os geógrafos do mundo.

Porque só o Ebro, que mata a sede das grandes cidades, interessa aos geógrafos. Não aquele córrego escondido sob a erva a oeste de Motril, aquele pequeno córrego que alimenta umas trinta flores... "Desconfie deste córrego, ele encharca os campos... Tome nota dele na carta." Ah, eu haveria de me lembrar da serpente de Motril! Parecia não ser nada. Com seu leve murmúrio, ela talvez apenas enfeitiçasse e atraísse algumas rãs—mas estava sempre vigilante, não dormia. No paraíso do campo de emergência, estendida sob a erva, ela me esperava, a dois mil quilômetros de distância, pronta, na primeira ocasião, a me transformar em uma tocha flamejante...

E aqueles trinta carneiros, dispostos para o combate no flanco de uma colina, prontos a avançar: "Você pensa que este prado está desimpedido e de repente— zás!—olhe trinta carneiros disparando sob as rodas E eu

respondia com um sorriso maravilhado a uma tão perfida ameaça.

Assim, pouco a pouco, a Espanha de minha carta se transformava, sob a lâmpada, em um país de conto de fadas. Marquei com uma cruz os refúgios e as ciladas. Assinalei aquele fazendeiro, aqueles trinta carneiros, aquele córrego. No seu lugar exato assinalei aquela pastora desprezada pelos geógrafos.

Quando me despedi de Guillaumet senti necessidade de andar pela noite gelada de inverno. Ergui a gola do sobretudo e, entre os transeuntes ignorantes, passeei o meu jovem fervor. Sentime orgulhoso em acotovelar aqueles desconhecidos com o meu segredo no coração. Eles me ignoravam, aqueles bárbaros—mas suas preocupações, seus ardores, era a mim que eles confiariam pela madrugada, dentro dos sacos postais. As minhas mãos confiariam suas esperanças.

Assim, embrulhado em meu capote, eu dava entre eles meus passos de protetor—e eles nada sabiam de minha solicitude.

De resto, não recebiam as mensagens que me vinham da noite. Aquela tempestade de neve que talvez estivesse se preparando interessava a minha própria carne. Talvez viesse complicar minha primeira viagem... As estrelas se apagavam uma a uma. Como o haveriam de notar, aqueles homens que passeavam? Só eu o percebia, como se fora um segredo. Alguém me comunicava as posições do inimigo antes da batalha...

E aqueles avisos tão graves para mim, eu os recebia perto das vitrinas iluminadas, onde os presentes de Natal brilhavam. Ali pareciam estar expostos, naquela noite, todos os bens da terra e eu experimentava a embriaguez orgulhosa da renúncia. Era um guerreiro ameaçado: que me importavam aqueles cristais cintilantes para as festas da noite, aqueles abajures, aqueles livros? Eu já me banhava nas brumas do céu; eu, piloto de linha, ja mordia a polpa amarga das noites de vôo.

Quando me despertaram eram três da manhã. Empurrei a janela: chovia sobre a cidade. Vestime gravemente.

Meia hora mais tarde, sentado em minha maleta, esperava na calçada molhada que o ônibus passasse para me levar. Tantos companheiros, no dia da consagração, haviam suportado, antes de mim, aquela mesma espera, com o coração meio apertado. Surgiu afinal na esquina o ônibus antiquado, espalhando um barulho de ferragens. E, como os companheiros, teve o direito de, por minha vez, apertar-me num banco

entre o funcionário da Alfândega mal desperto e alguns burocratas. Aquele ônihus cheirava a coisa fechada, a administração poeirenta, a velhos escritórios onde a vida humana enlanguesce. Parava de quinhentos em quinhentos metros para apanhar mais um secretário, mais um funcionario da Alfândega, mais um inspetor. Os que ja cochilavam dentro do carro respondiam com um vago resmungo ao cumprimento do recém-chegado que se alojava ali como podia, para logo começar a cochilar também. A velha carruagem triste sacolejava sobre o calçamento desigual de Toulouse; e o piloto de linha, misturado aos funcionarios, a principio mal se distinguia deles. Mas os postes desfilavam, o campo se aproximava, e o velho ônibus trêmulo era uma crisalida cinzenta de onde sairia o homem transfigurado.

Todo companheiro, num dia assim, pela manhã, havia sentido em si mesmo, sob o subalterno vulnerável, ainda submisso à impertinência do inspetor, nascer o responsável pelo Correio da Espanha e da África, nascer aquele que, dali a três horas, enfrentaria, entre relâmpagos, o dragão do Hospitalet... que, dali a quatro horas, tendo-o vencido, decidiria com toda a liberdade, e plenos poderes, a volta pelo mar ou o assalto direto aos maciços de Alcoy... que lidaria com a tempestade, a montanha, o oceano.

Todo companheiro, num dia assim, confundido no grupo anônimo, sob o escuro céu de inverno de Toulouse sentira crescer dentro de si o soberano que, dali a cinco horas, deixando para trás as chuvas e as neves do Norte, repudiando o inverno, reduziria a marcha do motor e começaria a descer em pleno verão, sob o sol ardente de Alicante.

Aquele velho ônibus desapareceu, mas sua austeridade, seu desconforto ainda vivem em minha lembrança. Simbolizava bem a preparação necessária às duras alegrias de nosso oficio. Tudo nele era de uma sobriedade impressionante. Lembro-me de ter recebido dentro dele, três anos mais tarde, sem que dez palavras fossem pronunciadas, a notícia da morte do piloto Lecrivain, um dos cem companheiros da linha que, num dia ou numa noite de nevoeiro, partiram para a eternidade.

Eram três da manhã, reinava o mesmo silencio, quando ouvimos o diretor, invisivel na penumbra, dizer ao inspetor:

— Lécrivain não desceu, esta noite, em Casablanca.

— Ah!—respondeu o inspetor. Hem?

E, arrancado do sono, fez um esforço para despertar, para mostrar

sua atenção, e acrescentou:

— É? Não conseguiu passar? Voltou?

Do fundo do ônihus o outro respondeu simplesmente: "Não."

Esperamos o resto; não veio mais nenhuma palavra. E a medida que os segundos passavam tornava-se mais evidente que aquele "não" não seria seguido de nenhuma outra palavra, que aquele não era sem esperança, que Lecrivain não somente não havia aterrissado em Casablanca como tambem não aterrissaria nunca mais em parte alguma.

Assim, naquela manhã, na alvorada de meu primeiro vôo, eu me submetia, por minha vez, aos ritos sagrados do oficio.

Experimentava um sentimento de insegurança olhando, através das vidraças do ônibus, o macadame molhado onde se refletiam os focos de iluminação. O vento franzia as poças de agua. E eu pensava: "Francamente, para meu primeiro vôo... tenho pouca sorte." Ergui os olhos para o inspetor:

— Mau tempo, hem?

Ele lançou pela vidraça um olhar experiente:

— Isso não quer dizer nada—resmungou afinal.

E eu me perguntava por que sinal se reconheceria o mau tempo. Guillaumet, com um simples sorriso, havia apagado, na noite anterior, todos os presságios fúnebres com que os veteranos nos acabrunhavam, mas agora eles me voltavam a memória: "Quem não conhece alinha, pedra por pedra, se encontra uma tempestade de neve, coitado... Ah, coitado..."

Eles bem precisavam manter seu prestígio, e balançavam a cabeça afastando os olhos de nós com uma piedade um pouco embaraçante, como se lastimassem nossa pobre inocencia.

Na verdade, para quantos de nós até então aquele ônibus não havia sido o último refúgio? Sessenta, oitenta? Conduzidos pelo mesmo chofer taciturno, na madrugada de chuva... Eu olhava em torno: pontos luminosos brilhavam na sombra, cigarros pontilhando meditações. Humildes meditações de empregados envelhecidos.

Para quantos de nós aqueles companheiros não haviam servido de último cortejo?

Eu surpreendia tambem as confidências que se trocavam em voz baixa. Eram sobre as doenças, o dinheiro, os tristes cuidados

domésticos. Elas mostravam os muros da encardida prisão em que aqueles homens estavam encerrados. E, bruscamente, me apareceu o rosto do destino.

Velho burocrata, meu companheiro aqui presente, ninguem nunca fez com que te evadisses, e não és responsável por isso.

Construíste tua paz tapando com cimento, como fazem as térmitas, todas as saídas para a luz. Ficaste enroscado em tua segurança burguesa, em tuas rotinas, nos ritos sufocantes de tua vida provinciana; ergueste essa humilde proteção contra os ventos, e as marés, e as estrelas. Não queres te inquietar com os grandes problemas e fizeste um grande esforço para esquecer a tua condição de homem.

Não és o habitante de um planeta errante e não lanças perguntas sem solução: és um pequeno-burguês de Toulouse. Ninguem te sacudiu pelos ombros quando ainda era tempo. Agora a argila de que és feito já secou, e endureceu, e nada mais poderá despertar em ti o musico adormecido, ou o poeta, ou o astrônomo que talvez te habitassem.

Não me queixo mais das lufadas de chuva. A magia do ofício abre para mim um mundo em que enfrentarei, dentro de duas horas, dragões negros e cumes coroados por uma cabeleira de relâmpagos azuis. Nesse mundo, quando vier a noite, livre, lerei meu caminho nos astros.

Assim era nosso batismo profissional, e começávamos a viajar. Essas viagens, no mais das vezes, eram sem história. Descíamos em paz, como mergulhadores profissionais, nas profundidades de nosso domínio. Hoje ele está bem explorado. O piloto, o mecânico e o radiotelegrafista não tentam mais uma aventura: encerram-se num laboratório. Obedecem ao jogo das agulhas, não mais ao desfile das paisagens. Lá fora as montanhas estão mergulhadas nas trevas, mas não são mais montanhas. São potências invisíveis das quais é preciso calcular a aproximação. O radiotelegrafista toma nota de cifras sob a lâmpada, sossegadamente; o mecânico aponta o mapa e o piloto corrige a rota se as montanhas se afastaram do rumo, se os cumes que ele queria passar pelo lado esquerdo se erguem em sua frente no silêncio e no segredo dos preparativos militares.

Quanto aos radiotelegrafistas de vigilância em terra, anotam prudentemente, em seus cadernos, no mesmo segundo, as informações ditadas pelo companheiro que está em vôo: "Meia-noite e quarenta, rota 230. Tudo bem a bordo."

Assim viaja hoje a tripulação. Não sente que está em movimento. Está longe de todos os sinais, como à noite no mar. Mas os motores enchem a iluminada cabina de um frêmito que muda a sua substância. As horas passam. Processa-se toda uma alquimia invisível nos quadrantes, nas lâmpadas de radio, nas agulhas. Segundo a segundo, os gestos secretos, a atenção, as palavras abafadas preparam o milagre. E quando chega a hora o piloto pode colar a testa à vidraça com segurança. Nasceu o ouro do Nada: ele brilha nas luzes da escala. Entretanto, nós todos conhecemos viagens em que de repente, sob um ponto de vista todo particular, a duas horas da escala, sentimos nosso próprio afastamento como não o sentiríamos na India—e perdemos toda a esperança de voltar.

Assim, quando Mermoz, pela primeira vez, atravessou o Atlântico em hidravião, atingiu, ao cair da tarde, a região do Pot-au-Noir.

Viu em sua frente as caudas dos ciclones, que se comprimiam de minuto a minuto, como se vê construir um muro; depois, a noite crescer sobre esses preparativos, e dissimula-los. E quando, uma hora mais tarde, se insinuou sob as nuvens, desembocou num reino fantástico.

Trombas marinhas elevavam-se ali acumuladas, imóveis, na aparência, como pilares negros de um templo. Elas suportavam, em seus cumes túmidos, a abobada escura e baixa da tempestade; mas, através dos rasgões da abobada, feixes de luz caiam e a lua cheia brilhava, entre os pilares, nas lajes frias do mar. E Merrnoz seguiu sua rota através daquelas rumas desabitadas, obliquamente, pelos canais de luz, contornando os pilares gigantes onde bramia a ascensão do mar, marchando quatro horas, ao longo da esteira da lua, para a saída do templo. E o espetáculo era tão esmagador que Mermoz, uma vez transposto o Pot-au Noir, percebeu que não tivera medo.

Recordo-me, tambem, de um desses momentos em que se transpõem os confins do mundo real: as indicações radiogomometricas enviadas pelas escalas do Saara haviam sido falsas toda aquela noite e nos haviam perigosamente enganado, a mim e ao radiotelegrafista Néri. Quando, tendo visto a agua brilhar no fundo de uma abertura das brumas, virei bruscamente na direção da costa, não podíamos saber ha quanto tempo estavamos avançando para o alto-mar.

Era incerto chegar ao litoral, porque talvez faltasse gasolina; e além disso, uma vez atingida a costa, seria preciso achar o ponto de escala.

Ora, a lua estava prestes a morrer. Sem indicações angulares, ja surdos, nós vamos ficando, pouco a pouco, cegos. A lua acabava de se apagar, como uma brasa palida, numa bruma que parecia um banco de neve. O céu, acima de nós, começou a se cobrir de nuvens. Navegavamos agora entre as nuvens e a bruma, num mundo vazio de toda luz e de toda substância.

As estações que nos respondiam renunciavam a dar indicações sobre nossa posição. "Nenhuma indicação... Nenhuma indicação..." porque nossa voz lhes chegava de toda parte e de parte nenhuma.

E bruscamente, quando já desesperavamos, um ponto brilhante apareceu no horizonte, em nossa frente, um pouco à esquerda.

Senti uma alegria tumultuosa; Neri curvou-se para mim e percebi que ele cantarolava. Só podia ser o ponto de escala, só podia ser o seu farol porque, à noite, o Saara inteiro se apaga e forma um grande território morto. A luz, entretanto, cintilou um pouco e se extinguiu. Havíamos apontado a proa para uma estrela, visível em seu ocaso por alguns minutos somente, no horizonte, entre a camada de brumas e as nuvens!

Então vimos que se erguiam outras luzes e, com uma surda esperança, apontavamos a proa de cada vez sobre uma. E quando a luz se prolongava, rentavamos a experiência vital: "Luz à vista" - ordenava Neri à escala de Cisneros—,"acenda e apague seu farol três vezes." Cisneros acendia e apagava três vezes seu farol, mas a luz dura, a luz que espreitavamos, essa não piscava - incorruptivel estrela.

Embora a gasolina devesse estar acabando, continuavamos a morder aqueles anzóis de ouro. De cada vez era a verdadeira luz de um farol, era a escala e a vida. Depois, era preciso mudar de estrela...

E então nos sentimos perdidos no espaço interplanetário, entre cem planetas inacessíveis, a procura do unico planeta verdadeiro, do nosso, do unico planeta onde estavam nossas paisagens familiares, nossas casas amigas, nossas ternuras. Do unico planeta onde... Eu vos direi a imagem que me assaltou, e que talvez vos pareça pueril. Mas no centro do perigo o homem conserva suas inquietações, e eu tinha sede, e fome. Se encontrassemos Cisnetos prosseguiríamos a viagem, uma vez o tanque cheio novamente de gasolina; e desceríamos em Casablanca, na frescura da manhãzinha. Acabado o serviço! Néri e eu iríamos a cidade. Pela madrugada em Casablanca já há uns botequins abertos... Néri e eu sentaríamos a uma pequena mesa, bem seguros, rindo da noite passada, diante dos pãezinhos quentes em forma de meia-lua e do café

com leite. Néri e eu receberíamos aquele presente matinal da vida. Assim também a velha camponesa só atinge o seu deus através de uma imagem pintada, de uma ingênua medalhinha, de um rosario; é preciso que nos falem numa linguagem bem simples para que possamos entender. A alegria de viver se resumia para mim naquele primeiro gole matutino, cheiroso e quente, naquela mistura de leite, café e trigo que nos liga às pastagens calmas, às culturas exóticas, e às searas que nos liga à terra inteira. Entre tantas estrelas não havia nenhuma outra em que se enchesse para nós a xícara perfumada do café da manhã.

Mas entre nossa embarcação e essa terra habitada acumulavam-se distâncias intransponíveis. Todas as riquezas do mundo estavam em um grão de areia perdido entre as constelações. E o astrólogo Néri, que procurava reconhecê-lo, lançava sempre sua súplica às estrelas.

De repente ele me bateu no ombro, para mostrar um papel onde li: "Tudo bem, estou recebendo uma mensagem magnífica".

Esperei, o coração pulando, que ele acabasse de transcrever as cinco ou seis palavras que nos salvariam. Enfim, ele recebeu a mensagem, aquele presente do céu. Era de Casablanca, posto que haviamos deixado na noite da véspera. Retardada na transmissão, aquela mensagem nos chegava de repente, a dois mil quilômetros de distância, entre as nuvens e as brumas, perdidos no mar. Era assinada pelo representante do Estado, no aeroporto de Casablanca. Li: "Sr. Saint-Exupéry, vejo-me obrigado a requerer a Paris que lhe aplique penalidades. O senhor fez a curva demasiado perto dos hangares, na partida de Casablanca." Era verdade que eu fizera a curva muito próximo aos hangares. Era verdade tambem que aquele homem cumpria seu dever zangando-se. Eu teria recebido aquela censura com humildade no escritório do aeroporto. Mas nos chegava ali, quando não nos devia chegar... E destoava entre as estrelas tão raras, e o leito de brumas, e o gosto ameaçador do mar. Estavamos em luta pelo nosso destino, pelo nosso correio, pelo nosso barco; em luta para dirigir no sentido de nossa própria vida—e aquele homenzinho vinha desabafar sobre nós seu pequeno rancor. Entretanto, longe de ficarmos irritados, Néri e eu sentimos uma brusca e enorme alegria. Ali nós éramos os senhores—eis o que aquilo nos fazia descobrir. Então aquele cabo não havia notado em nossas mangas que já éramos capitães? Ele nos vinha perturbar em

nosso sonho, quando, muito gravemente, viajávamos entre a Grande Ursa e o Sagitário; quando o único assunto que nos podia preocupar pessoalmente era aquela traição da Lua!

O dever imediato, o unico dever do planeta de onde aquele homem se manifestava era o de fornecer cifras exatas para nossos cálculos entre os astros. E essas cifras eram falsas. Quanto ao resto, provisoriamente, tudo o que aquele
planeta devia fazer era calar-se.

E Néri me escreveu: "Em lugar de se divertir com tolices eles fariam melhor orientando-nos para alguma parte." Na palavra "eles" Neri resumia todos os povos do globo, com seus parlamentos, seus senados, suas marinhas, seus exércitos e seus imperadores. E, relendo aquela mensagem de um insensato que pretendia ter alguma coisa a ver conosco, apontamos a proa para Mercurio...

Fomos salvos pelo mais estranho dos acasos: veio a hora em que, sacrificando a esperança de encontrar Cisneros e virando perpendicularmente na direção da costa, resolvi manter a mesma direção até a pane por falta de gasolina. Assim eu me reservava alguma chance de não cair no mar. Desgraçadamente aqueles faróis ilusórios nos haviam conduzido Deus sabe aonde. Desgraçadamente a bruma espessa em que seríamos obrigados a mergulhar em plena noite deixava-nos poucas probabilidades de tocar o solo sem desastre. Mas não havia alternativa.

A situação era tão clara que dei de ombros, melancolicamente, quando Neri me passou uma mensagem que nos teria salvo uma hora mais cedo: "Cisneros manda indicações. Cisneros diz: 216, provavelmente..." Cisneros não estava mais perdida nas trevas: Cisneros manifestava-se ali, tangível, à nossa esquerda. Sim, mas a que distância? Tivemos, Néri e eu, uma rápida conversa.

Estávamos de acordo. Era demasiado tarde. Correndo para Cisneros, aumentaríamos o risco de perder a costa. E Néri mandou a resposta: "Tendo gasolina apenas para uma hora conservaremos a proa para 93."

Agora, um a um, despertavam os postos de escala. Ao nosso diálogo misturavam-se as vozes de Agadir, de Casablanca, de Dacar. Os postos de rádio de todas essas cidades haviam alertado os aeroportos. Os chefes dos aeroportos haviam alertado os camaradas. E pouco a pouco eles se reuniam em torno de nós como em torno do leito de um doente.

Ternura inútil, mas ternura.

Conselhos inúteis, mas amigos.

E bruscamente surgiu Toulouse, Toulouse, ponto de partida, perdida lá embaixo, a quatro mil quilômetros de distância.

Toulouse instalou-se de repente em nosso receptor e sem preâmbulos perguntou: "O aparelho de vocês não é o F...?" (Esqueci as indicações da matrícula.)

— Sim.

— Então ainda têm duas horas de gasolina. O tanque desse aparelho não é um tanque standard. Voem para Cisneros.

Assim, as necessidades que um ofício impõe transformam e enriquecem o mundo. Não é preciso uma noite como aquela para que o piloto de linha descubra um sentido novo nos velhos espetáculos: a paisagem monótona, que fatiga o passageiro, é bem diferente para a tripulação. A massa nebulosa que fecha o horizonte cessa de ser, para o piloto, um enfeite: ela interessa os seus próprios musculos, ela lhe propõe problemas. Desde logo ele a considera, ele a mede, e a ela esta ligado por uma linguagem verdadeira. Eis um cume, ainda longe: que face lhe mostrará? Ao luar ele será um sinal, uma indicação cômoda.

Mas se o piloto faz vôo cego, corrige dificilmente seu deslocamento e duvida de sua posição, aquele pico se transformará em explosivo e encherá com sua ameaça a noite inteira, tal como a mina submarina, levada ao sabor das correntes, faz perigoso todo o mar.

Assim variam tambem os oceanos. Para os simples viajantes a tempestade permanece invisível: vistas de tão alto as ondas não oferecem relevo e as massas de nuvens parecem imóveis. Só aparecem as grandes palmas brancas, marcadas de frisos e nervuras como se estivessem presas no gelo. Mas o piloto sabe que ali é impossível qualquer amerissagem. Aquelas palmas são, para ele, grandes flores venenosas.

E mesmo se a viagem é uma viagem feliz o piloto que navega em qualquer lugar, no seu trecho de linha, não assiste a um simples espetaculo. As cores do céu e da terra, os traços do vento no mar, as nuvens douradas do crepúsculo não o convidam a devanear, mas a refletir. Como o camponês que faz uma volta pelos seus domínios e prevê, por mil sinais, a marcha da primavera, a ameaça do gelo, a vinda

da chuva, o piloto de linha decifra também os sinais de neve, os sinais de bruma, os sinais de noite feliz. A maquina, que a princípio parecia afastá-lo dos grandes problemas naturais, submete-o a eles com mais rigor. Só, no meio do vasto tribunal que um ceu tempestuoso forma, o piloto disputa seu aparelho a três divindades elementares—a montanha, a tempestade, o mar.

2 - Os Companheiros

I

Alguns companheiros, entre eles Mermoz, fundaram a linha francesa de Casablanca a Dacar, através do Saara insubmisso.

Os motores naquele tempo eram muito pouco resistentes e uma pane entregou Mermoz aos mouros. Hesitaram em massacra-lo. Guardaram-no prisioneiro uns 15 dias e depois o venderam. E Mermoz recomeçou o serviço sobre aqueles mesmos territórios.

Quando se abriu a linha da América, Mermoz, sempre na vanguarda, foi encarregado de estudar o trecho de Buenos Aires a Santiago. Depois de construir uma ponte sobre o Saara devia lançar outra sobre os Andes. Confiaram-lhe um avião que ascendia a 5.200 metros. Os picos da Cordilheira sobem a sete mil. E Mermoz decolou para procurar as passagens. Depois do areal, Mermoz enfrentava as montanhas: cumes cujos mantos de neve o vento varre, paisagens que empalidecem quando a tempestade vem, remoinhos de ar tão fortes que o piloto, quando é apanhado entre duas muralhas de rocha, tem de travar uma espécie de luta a punhal.

Mermoz lançava-se a esses combates sem nada saber do adversário, sem saber se sairia vivo da aventura. Mermoz "experimentava" para os outros. Um dia, afinal, de tanto "experimentar" ficou prisioneiro dos Andes. Obrigados a descer, a quatro mil metros de altitude, em um platô de paredes verticais, ele e o mecânico procuraram durante dois dias o meio de fugir. Estavam presos. Então arriscaram a ultima chance: lançaram o avião no vacuo, movimentando-o aos saltos no chão desigual, duramente, até o precipício. Lançaram-se.

Na queda o avião tomou, enfim, velocidade bastante para obedecer de novo ao comando. Mermoz subiu em face de um pico, passou

raspando por ele e, com água esguichando de todos os tubos arrebentados pelo gelo durante a noite, ja em pane aos sete minutos apenas de vôo, descobriu a planície chilena, em sua frente, como a terra prometida.

No dia seguinte, recomeçou.

Quando os Andes ficaram bem explorados e a tecnica da travessia bem estabelecida, Mermoz confiou esse trecho ao seu companheiro Guillaumet e foi explorar a noite.

A iluminação de nossos postos de escala ainda não havia sido feita. E nos campos de aterrissagem era alinhada perante Mermoz, na noite negra, a magra iluminação de três fogueiras de gasolina.

Ele ia descendo e abrindo as rotas.

Quando a noite estava bem conquistada, Mermoz experimentou o Oceano. E o correio, desde 1931, foi transportado pela primeira vez em quatro dias de Toulouse a Buenos Aires. Na volta, Mermoz sofreu uma pane de óleo no centro do Atlântico Sul, sobre um mar agitado. Um navio o salvou—a ele, ao seu aparelho e à sua tripulação.

Assim Mermoz havia decifrado as areias, a montanha, a noite e o mar. Havia soçohrado mais de uma vez nas areias, na montanha, na noite, no mar. E sempre que voltava era para partir outra vez.

Enfim, depois de 12 anos de trabalho, sobrevoando mais uma vez o Atlântico Sul, disse, numa rapida mensagem, que o motor da direita estava falhando. Depois, silêncio.

A notícia não chegava a ser inquietante. Entretanto, apos dez minutos de silêncio, todos os postos de radio da linha, de Paris a Buenos Aires, começaram sua vigília de angústia. Porque se dez minutos de atraso quase não têm sentido na vida quotidiana, eles assumem, no correio aéreo, uma grave significação. No ventre desse tempo morto um acontecimento ainda desconhecido está encerrado. Insignificante ou sinistro, ele já se resolveu. O destino pronunciou sua sentença e contra essa sentença não ha apelação: a mão de ferro dirigiu a tripulação para a amerissagem sem gravidade OU para o esfacelamento. Mas a sentença não é comunicada aos que esperam.

Qual de nós não conheceu essas esperanças cada segundo mais frageis, esse silêncio que piora de minuto a minuto como uma doença fatal? Esperamos. Mas as horas passam e pouco a pouco se fez tarde. Fomos obrigados a compreender que nossos companheiros não

voltariam, que eles repousavam naquele Atlântico Sul cujos céus tantas vezes haviam rasgado. Mermoz ocultara-se no campo de seus trabalhos como o segador que, tendo amarrado bem seus feixes de trigo, se deita na terra.

Quando um companheiro morre assim, a sua morte ainda parece um ato que esta na ordem normal do ofício. A principio fere menos, talvez, que qualquer outra morte. Certamente ele esta afastado. Sofreu sua ultima transferência de
escala, mas sua presença não nos falta ainda, em profundidade, como poderia nos faltar o pão.

Temos, com efeito, o habito de esperar durante muito tempo os encontros. De Paris a Santiago do Chile, esses companheiros de linha estão espalhados pelo mundo, um pouco isolados, como sentinelas que quase não se falam. Só o acaso das viagens reune aqui e ali os membros dispersos da grande familia profissional.

Em volta de uma mesa, uma noite, em Casablanca, em Dacar, em Buenos Aires, retomam-se, depois de anos de silêncio, conversas interrompidas e reatam-se velhas lembranças. Depois, e partir novamente. A terra, assim, é ao mesmo tempo, deserta e rica. Rica desses jardins secretos, escondidos, difíceis de atingir, mas aos quais o oficio nos conduz sempre, um dia ou outro. A vida nos separa talvez dos companheiros, e nos impede de pensar muito nisso. Eles estão em algum lugar, não se sabe bem onde, silenciosos e esquecidos, mas tão fiéis! E se cruzamos seus caminhos, eles nos sacodem pelos ombros com belos lampejos de alegria. Sim, nós temos o hábito de esperar...

Mas pouco a pouco descobrimos que não ouviremos nunca mais o riso claro daquele companheiro; descobrimos que aquele jardim está fechado para sempre. Então começa nosso verdadeiro luto, que não é desesperado, mas um pouco amargo.

Nada, jamais, na verdade, substituirá o companheiro perdido. Ninguém pode criar velhos companheiros. Nada vale o tesouro de tantas recordações comuns, de tantas horas mas vividas juntos, de tantas desavenças, de tantas reconciliações, de tantos impulsos afetivos. Não se reconstroem essas amizades. Seria inútil plantar um carvalho na esperança de ter, em breve, o abrigo de suas folhas.

Assim vai a vida. A princípio, enriquecemos; plantamos durante anos, mas os anos chegam em que o tempo destrói esse trabalho, arranca

essas árvores. Um a um, os companheiros nos retiram sua sombra. E aos nossos lutos mistura-se então a mágoa secreta de envelhecer.

Esta a moral que Mermoz e tantos outros me ensinaram. A grandeza de uma profissão é talvez, antes de tudo, unir os homens; só há um luxo verdadeiro, o das relações humanas.

Trabalhando só pelos bens materiais construímos nós mesmos nossa prisão. Encerramo-nos lá dentro, solitários, com nossa moeda de cinza que não pode ser trocada por coisa alguma que valha a pena viver.

Se procuro entre minhas lembranças as que me deixaram um gosto durável, se faço o balanço das horas que valeram a pena, certamente só encontro aquelas que nenhuma fortuna do mundo ter-me-ia presenteado. Não se compra a amizade de um Mermoz, de um companheiro a quem estamos ligados para sempre pelas provas sofridas juntos.

Esta noite de vôo e suas cem mil estrelas, esta serenidade, esta soberania de algumas horas, o dinheiro não compra.

Esta face nova do mundo depois de uma etapa difícil, estas árvores, estas flores, estas mulheres, estes sorrisos docemente coloridos pela vida a que regressamos de madrugada, este mundo de pequenas coisas que nos recompensam, o dinheiro não compra.

Nem esta noite vivida entre os revoltosos, cuja lembrança agora me vem. Éramos três tripulações da Aeropostale. Havíamos descido, ao cair do dia, na costa do Rio do Ouro. Meu companheiro Riguelle havia descido primeiro com uma biela partida; um outro camarada, Bourgat, aterrissou então para socorrê-lo, mas não pôde retomar vôo devido a uma avaria sem gravidade. Afinal aterrissei, mas a noite já avançava. Resolvemos salvar o avião de Bourgat, e, para fazer o conserto bem-feito, era preciso esperar a manhã.

Um ano antes nossos companheiros Gourp e Erable, descidos em pane naquele mesmo lugar, haviam sido massacrados pelos revoltosos. Sabiamos que naquele momento tambem um rezzou* de trezentos fuzis estava acampado em algum lugar de Bojador.

Nossas três aterrissagens, visíveis de longe, haviam com certeza alertado os revoltosos. Começamos uma vigília que podia ser a última.

Instalamo-nos para passar a noite. Tiramos dos aviões cinco ou seis caixas de mercadorias e as dispusemos em círculo, depois de esvazia-las. No fundo de cada caixa, como dentro de uma guarita,

acendemos uma pobre vela, mal protegida contra o vento. Assim, em pleno deserto, na crosta nua do planeta, num isolamento dos primeiros anos do mundo, construímos uma aldeia de homens.

Reunidos para passar a noite na praça grande da nossa aldeia, naquele circulo de areia onde as velas jogavam suas luzes trêmulas, ficamos à espera. À espera da madrugada, que nos salvaria—ou dos mouros. E não sei o que dava àquela noite um gosto de noite de Natal. Contamos velhas histórias, fizemos pilhérias e cantamos.

Saboreávamos o mesmo fervor leve do melhor de uma festa bem preparada. Entretanto, éramos infinitamente pobres. Vento, areia, estrelas. Um estilo duro para trapistas. Contudo, naquele círculo de areia mal iluminado, cinco ou seis
homens que não possuíam mais coisa alguma no mundo a não ser suas lembranças trocavam invisiveis riquezas.

** Bando armado de mouros. (N.T.)*

Nós nos haviamos, finalmente, encontrado. Anda-se lado a lado muito tempo, cada um fechado em seu silêncio, ou trocando palavras que não encerram nada. Mas eis a hora do perigo. Então vema ajuda mútua. Descobre-se que se pertence à mesma comunidade.

Cada um se enriquece com a descoberta de outras consciências. Então os homens se olham com um grande sorriso. E parecem prisioneiros libertados que se maravilham com a imensidão do mar.

II

Guillaumet, eu direi alguma coisa sobre você. Mas não o aborrecerei insistindo sobre a sua coragem e seu valor profissional.

É outra coisa que eu quero contar narrando a mais bela de suas aventuras. Há uma qualidade que não tem nome. Talvez seja "gravidade", mas a palavra não satisfaz. Porque essa qualidade pode existir junto à mais sorridente alegria. É a qualidade do carpinteiro que se planta diante de seu pedaço de madeira e o palpa e o mede, e, longe de

tratá-lo às pressas, reune todas as suas virtudes para trabalha-lo.

Li há muito tempo, Guillaumet, uma narrativa onde se celebrava a sua aventura e tenho uma velha vontade de corrigir aquela imagem infiel. Ali você aparecia com frases de Ravrochc, como se a coragem consistisse em descer a essas piadas de colegial ante os mais sérios perigos ou na hora da morte. Isso é não conhecer você, Guillaumet. Você não sente a necessidade de ridicularizar seus adversários antes de enfrentá-los. Perante uma dura tempestade, você julga: "Eis uma dura tempestade." Você a aceita, você a mede.

Trago-lhe aqui, Guillaumet, o testemunho de minhas lembranças. Ja se haviam passado cinqüenta horas que você desaparecera numa travessia dos Andes, durante o inverno. Voltando do fundo da Patagônia, fui ao encontro do piloto Deley, em Mendoza. E nós dois, durante cinco dias, esquadrinhamos aquela confusão de montanhas, sem descobrir coisa alguma. Nossos dois aparelhos não bastavam. Parecia-nos que cem esquadrilhas, navegando cem anos, não acabariam de explorar aquele enorme maciço cujos picos se erguiam até sete mil metros. Havíamos perdido toda a esperança. Os próprios contrabandistas, os bandidos que la embaixo cometem um crime por cinco francos recusavam-se a se aventurar nos contrafortes das montanhas. "Arriscariamos nossas vidas" diziam eles. "Os Andes, no inverno, não devolvem os homens." Quando eu e Deley descemos em Santiago os oficiais chilenos também nos aconselharam a suspender as buscas.

"É inverno. Esse companheiro de vocês se sobreviveu à queda, não sobreviveu a noite. A noite, la em cima, quando passa sobre o homem, transforma-o em gelo." E quando eu novamente me infiltrava entre os muros e os
pilares gigantescos dos Andes ja sentia que não estava mais procurando você: velava o seu corpo, em silêncio, numa catedral de neve.

Afinal, depois de sete dias, quando eu almoçava, no intervalo de dois vôos, num restaurante de Mendoza, um homem empurrou a porta e gritou... oh, apenas isto:

— Guillaumet... vivo!

E todos os desconhecidos que ali estavam se abraçaram.

Dez minutos mais tarde eu partia com dois mecânicos, Lefebvre e Abri. Quarenta minutos depois descia ao longo de uma estrada, tendo reconhecido, não sei como, o carro que o conduzia para não sei onde, nos lados de São Rafael. Foi um belo encontro: choramos todos e esmagamos você em nossos abraços, vivo, ressuscitado, autor de seu próprio milagre. Foi então que você exprimiu, na sua primeira frase inteligível, um admirável orgulho da espécie: "O que eu fiz, palavra que

nenhum bicho, só um homem, era capaz de fazer."

Mais tarde você nos contou o desastre.

Uma tempestade despejava cinco metros de espessura de neve, em 48 horas, na vertente chilena dos Andes, entupindo o céu inteiro. Os americanos da Pan Air haviam feito meia-volta, mas você decolou à procura de um rasgão no céu. Descobriu um pouco mais ao sul essa armadilha. Então, a 6.500 metros, dominando as nuvens que só se elevavam a seis mil, e através das quais só varavam os picos mais altos, você apontou a proa para a Argentina.

As correntes de ar descendentes dão as vezes ao piloto uma estranha sensação de mal-estar. O motor roda bem, mas o avião desce. O piloto o empina para retomar altitude, o avião perde a velocidade e oscila, fraco: desce mais. O homem volta atrás, com medo de haver empinado muito e se deixa derivar para a direita ou a esquerda, procurando chegar-se a um pico favorável, que receba os ventos como um trampolim—e o avião desce mais. É o céu inteiro que parece vir abaixo. O homem sente-se então envolvido em uma espécie de acidente cósmico. Não há mais refugio. Tenta em vão fazer meia-volta para chegar outra vez lá atrás, às zonas em que o ar sustentava o aparelho, sólido e cheio como um pilar. Mas não há mais pilares. Tudo se decompõe. E o avião desce, no meio da desordem universal, para a nuvem que sobe molemente, que se eleva até ele e o absorve.

"Eu quase tinha me despedaçado em um canto de montanha"— dizia-nos você — "mas ainda não desesperara. A gente encontra correntes descendentes em cima de nuvens que parecem estáveis pela simples razão de que na mesma altitude elas se recompõem indefinidamente. Tudo é tão estranho no alto das montanhas..."

E que nuvens!

"Naquela situação larguei o comando e agarrei-me a cadeira para não ser lançado fora. As sacudidas eram tão fortes que as correias me feriam os ombros e estavam a ponto de rebentar.

Alem disso, o turbilhão de neve me privara de todo o horizonte instrumental, e o aparelho rolou. de seis mil a 3,500 metros, como se fosse um chapéu. "Aí, a 3.500 metros, vi uma grande massa negra, horizontal, que me permitiu restaurar a posição do aparelho no ar. Era uma lagoa que reconheci: a Laguna Diamante. Sabia que ela estava encravada no fundo de um precipício, junto ao vulcão Maipu, que se eleva a 6.900 metros. Embora libertado da nuvem eu voava quase as

cegas no espesso turbilhão de neve e não podia descer sem me chocar contra uma das montanhas que rodeavam o lago. Comecei a fazer voltas sobre a lagoa, a trinta metros de altura, até a pane de gasolina. Depois de duas horas de manobra desci e capotei.

Quando saltava do avião, a tempestade me lançou ao solo. Firmei-me novamente nos pés e ela me virou outra vez. Tive de me meter sob a carlinga e cavar um abrigo na neve. Naquele buraco cerquei-me de sacos postais e, durante quarenta horas, esperei.

Depois disso, quando a tempestade amainou, comecei

a andar. Andei cinco dias e quatro noites."

Mas, que restava de você, Guillaumet? Nós o encontramos bem, mas calcinado, encarquilhado, recurvo como se fosse uma velha. Naquela tarde mesmo, eu o levei em avião para Mendoza, onde os lençóis brancos envolveram seu corpo com um bálsamo.

Mas eles não curavam seu corpo. Seu corpo, extenuado, era uma carcaça que você virava e revirava sem conseguir aloja-La no sono.

Seu corpo não esquecia os rochedos e as neves. Eles o haviam marcado. Reparei em sua cara escura, tumefacta como uma fruta quase podre que houvesse recebido pauladas. Você estava ali, tão feio e com um ar de miséria, tendo perdido o uso de seus belos instrumentos de trabalho. As mãos continuavam dormentes e quando, para respirar, você se sentava na cama, os pés gelados pendiam como dois pesos mortos. E nem ao menos havia terminado a viagem; ofegava ainda, arquejante. Quando se virava no travesseiro em procura de um pouco de paz, vinha uma procissão de imagens impossivel de afastar. Uma procissão que estava impaciente para seguir e Logo se punha a caminhar em seu cérebro. Desfilava. E você recomeçava vinte vezes o combate contra oS inimigos, que ressuscitavam das cinzas.

Eu lhe dava remédios sobre remédios:

— Vamos, rapaz, beba!

— O que mais me espantou... você sabe...

Pugilista vitorioso, mas bem marcado pelos grandes golpes recebidos. você revivia sua estranha aventura, libertava-se dela aos poucos, em frases soltas. E eu o via, ao longo de sua narrativa noturna, andando, sem um bastão, sem víveres, escalando gargantas de 4.500 metros ou progredindo ao longo de paredes verticais, sangrando os pés, os joelhos, as mãos, sob quarenta graus de frio.

Exaurido pouco a pouco de seu sangue, de suas forças, de sua razão, avançava com uma teimosia de formiga, voltando sobre os passos para contornar um obstáculo, erguendo-se depois das quedas, subindo escarpas que iam terminar em abismo, sem se permitir nenhum repouso, porque não poderia se erguer, depois, de seu leito de neve.

Quando escorregava, precisava se levantar depressa, para não ser transformado em pedra. O frio o petrificava de segundo a segundo. Se quisesse gozar, depois de um tombo, um minuto de repouso a mais, quando tentasse se erguer só encontraria músculos mortos.

Era preciso resistir às tentações: "Na neve dizia-me você—a gente perde todo o instinto de conservação. Depois de dois, três, quatro dias de marcha tudo o que se deseja é o sono. Eu o desejava.

Mas ao mesmo tempo pensava: Minha mulher... se ela crê que estou vivo, ela crê que estou andando. Os companheiros crêem que estou andando. Serei um covarde se não continuar andando."

E andava. Cada dia alargava um pouco mais, com a ponta do canivete, um corte na costura da botina, para que os pés gelados, inchados, ainda pudessem caber ali dentro.

Recebi esta sua estranha confidência:

"Do segundo dia em diante meu trabalho maior foi procurar não pensar. Sofria demais, minha situação era desesperada demais. Para ter a coragem de andar, precisava não pensar nisso.

Desgraçadamente controlava mal o cerebro: ele trabalhava como uma turbina. Mas eu ainda podia escolher as suas imagens. Fazia-o pensar em um livro, em um filme. E o filme e o livro desfilavam dentro de mim depressa: voltava à realidade da situação presente.

Irremediavelmente. Então eu jogava ao meu cérehro Outras recordações para que ele fosse se entretendo..."

Uma vez, porem, tendo escorregado e caído de bruços na neve, você renunciou a erguer-se. Era como um pugilista de quem um murro mais forte exauriu toda a paixão da luta. E que ouve os segundos caírem, um a um, num mundo estranho, até o décimo, que é sem remédio.

"Fiz o que pude e não tenho mais esperança; por que me obstinar no martírio?" Bastava fechar os olhos para fazer a paz no mundo. Para retirar do mundo os rochedos, o gelo, a neve. Logo que as palpebras milagrosas se fechassem, ja não haveria mais os golpes, nem os tombos,

nem os músculos doridos, nem o gelo ardente, nem esse peso da vida quando a marcha de um homem é como a marcha de um boi e quando o peso da vida é mais pesado que um carro. Você ja gozava aquele frio que era veneno, aquele frio que era morfina enchendo o corpo de beatitude. Sua vida refugiava-se em torno do coração. Alguma coisa de precioso e doce encolhia-se no centro de seu ser. A consciência pouco a pouco abandonava as regiões longínquas daquele corpo, daquela pobre besta esgotada pelas dores que ja começava a participar da indiferença do mármore.

E mesmo os seus escrúpulos ja se aquietavam. Nossos apelos não o atingiam mais, ou melhor, chegavam transformados em apelos de sonho. E você respondia feliz, andando em sonhos, em grandes passos faceis que lhe abriam sem esforço as delicias da planicie. Com que facilidade você andava agora em um mundo cheio de ternura! Avaramente, Guillaumet, você nos recusava a sua volta.

Os remorsos vieram dos subterrâneos da consciência. Ao sonho misturaram se de repente detalhes precisos. "Pensei em minha mulher. Minha apólice de seguro de vida lhe evitaria a miséria. Sim, mas o seguro...

No caso de desaparecimento a morte legal só é declarada depois de quatro anos. Este detalhe lhe apareceu nítido, apagando todas as outras imagens. Seu corpo estava estendido ali, de bruços, em um forte declive, na neve. Quando viesse o verão ele rolaria, com a lama, para um dos mil precipicios dos Andes. Você o sabia. Sabia tambem que um rochedo emergia das neves cinqüenta metros à sua frente. "Aí eu pensei: se me levantar poderei chegar até la. Se escorar bem o meu corpo na pedra ele será descoberto quando vier o verão..."

Uma vez de pé, andou duas noites e três dias.

Mas não pensava em ir muito longe:

"Muitos sinais me anunciavam o fim. Por exemplo. Era obrigado a parar de duas em duas horas para abrir um pouco mais minhas botinas, esfregar neve nos pés que inchavam ou simplesmente dar um pequeno descanso ao coração. Nos últimos dias comecei a perder a memória. Muito tempo depois de recomeçar a marcha é que me lembrava: havia esquecido alguma coisa. Da primeira vez foi
uma luva, e isso era grave, com o frio que me gelava as mãos. Eu a
havia deixado no chão, ao meu lado, e seguiria caminho sem apanha-la.

Depois foi o relógio. Depois o canivete. Depois a bússola. Em cada parada eu me empobrecia...

O que salva é dar um passo. Mais um passo. E sempre o mesmo passo que se recomeça...

"O que eu fiz, palavra que nenhum bicho, só um homem, era capaz de fazer..."

Esta frase, a mais nobre que conheço, esta frase que situa o homem, que o honra, que restaura as hierarquias verdadeiras, me voltava à memória. Você dormia ainda; a consciência estava abolida, mas iria renascer, no momento de despertar, naquele corpo desmantelado, moído, torturado, para domina-lo de novo.

O corpo, então, não é mais que um belo instrumento, não é mais que um belo servidor. E você sabia exprimir também, Guillaumet, esse orgulho do bom instrumento:

"Você compreende, sem alimento, depois de três dias de marcha, meu coração não devia estar batendo com muita força... Pois em certo momento, quando eu progredia ao longo de uma encosta vertical, cavando buracos para enfiar as mãos, o coração me caiu em pane... Hesitou, deu mais uma batida... Uma batida estranha...

Senti que se ele hesitasse um segundo mais seria o fim. Fiquei imóvel, escutando... Nunca—está ouvindo?—nunca, num avião, me senti tão preso ao ruido do motor como, naquele momento, às batidas do meu próprio coração. E eu lhe dizia: Vamos, força!

Vê lá se bate mais... garanto-lhe que é um coração de boa qualidade. Hesitava mas depois recomeçava, sempre... Se você soubesse como tive orgulho de meu coração!"

Naquele quarto de Mendoza em que passei a noite você adormeceu afinal um sono de esgotamento. E eu pensava: se alguém falar a Guillaumet de sua coragem ele dara de ombros. Mas seria traí-lo também celebrar sua modéstia. Ele está muito além dessa qualidade medíocre. Se dá de ombros é por sabedoria. Sabe que uma vez no centro do perigo os homens não se horrorizam mais.

Só o desconhecido espanta os homens. Mas para quem o enfrenta ele cessa de ser o desconhecido. Sobretudo se é olhado com essa gravidade lucida. A coragem de Guillaumet é, antes de tudo, um efeito de sua probidade. Sua verdadeira qualidade não é essa. Sua grandeza é a de sentir-se

responsável. Responsável por si, pelo seu avião, pelos companheiros que o esperam. Ele tem nas mãos a tristeza ou a alegria desses companheiros. Responsável pelo que se constrói de novo, lá, entre os vivos, construção de que ele deve participar.

Responsável um pouco pelo destino dos homens, na medida de seu trabalho. Um desses seres amplos que aceitam o destino de cobrir largos horizontes com suas folhagens. Ser homem é precisamente ser responsável. É experimentar vergonha em face de uma miséria que não parece depender de si. É ter orgulho de uma vitória dos companheiros. É sentir, colocando a sua pedra, que contribui para construir o mundo.

Querem confundir homens assim com os toureiros e os jogadores. Gaba-se o seu desprezo da morte. Mas eu dou bem pequena importância ao desprezo da morte. Se ele não tem suas raízes em uma responsabilidade aceita é apenas sinal de pobreza ou excesso de mocidade. Conheci um suicida moço. Não sei mais que desgosto amoroso o levou a colocar cuidadosamente uma bala no coração. Não sei a que tentação literária cedeu calçando suas mãos de luvas brancas. Mas eu me lembro de ter sentido em face daquele triste espetaculo uma impressão que não era de nobreza, mas de miséria. Ali, atrás daquele rosto amável, sob aquele crânio de homem, não havia existido nada. Apenas a imagem de alguma tola mocinha igual às outras.

Pensando nesse destino magro eu me recordo também de uma verdadeira morte de homem. A morte de um jardineiro, que me dizia: "Você sabe, ás vezes, trabalhando, com a enxada na mão, eu suava. Minha perna doía com o reumatismo, e eu praguejava contra aquela escravidão. Pois olhe, hoje eu queria estar com a enxada na mão, trabalhando, trabalhando... Trabalhar com a enxada hoje me parece uma coisa bonita! A gente se sente tão bem, tão livre, quando está trabalhando a terra! E alem disso, quem é que vai cuidar de minhas árvores, agora?" Ele deixava uma terra a cultivar.

Deixava um planeta a cultivar. Estava ligado pelo amor a todas as terras e a todas as árvores da terra. Era ele o generoso, o pródigo, o Grande Senhor! Era ele, como Guillaumet, o homem corajoso quando lutava, em nome de sua Criação, contra a morte.

3 - O Avião

Não importa, Guillaumet, que os seus dias e noites de trabalho se escoem em controlar manômetros, em se equilibrar sobre giroscópios. em auscultar os sopros de

motores, em lidar com 15 toneladas de metal: os problemas que se propõem a você são, afinal de contas, problemas de homem, e você atinge sem esforço o mesmo nivel de nobreza de um montanhês. Tanto como o poeta você aprende a saborear o prenúncio da madrugada.

Do fundo do abismo das noites difíceis você tantas vezes desejou esse feixe palido, essa claridade que brota a leste das terras escuras... Muitas vezes essa fonte de milagres se degelou lentamente para salva-lo quando você ja pensava em morrer.

O uso de um instrumento sábio não fez de você um tecnico seco. Sempre me pareceu que as pessoas que se horrorizam muito com nossos progressos tecnicos confundem o fim com o meio. Na verdade, quem luta apenas na esperança de bens materiais não colhe nada que valha a pena viver. Mas a maquina não é um fim. O avião não é um fim: é um instrumento. Um instrumento como a charrua.

Se as vezes julgamos que a maquina domina o homem é talvez porque ainda não temos perspectiva bastante para julgar os efeitos de transformações tão rapidas como essas que sofremos. Que são os cem anos da história da máquina em face dos duzentos mil anos da história do homem? Ainda nem acabamos de nos instalar nesta paisagem de minas e de centrais elétricas. Ainda nem nos sentimos moradores desta casa nova que nem sequer acabamos de construir. Tudo mudou tão depressa em volta de nós: relações humanas, condições de trabalho, costumes... Até mesmo a nossa psicologia foi subvertida em suas bases mais íntimas. As noções de separação, ausência, distância, regresso, são realidades diferentes no seio de palavras que permaneceram as mesmas. Para apreender o mundo de hoje usamos uma linguagem que foi feita para o mundo de ontem. E a vida do passado parece corresponder melhor à nossa natureza apenas porque corresponde melhor a nossa linguagem.

Cada progresso nos expulsou para um pouco mais longe ainda de habitos que mal havíamos adquirido, na verdade somos emigrantes que ainda não fundaram a sua pátria.

Somos todos barbaros novos que ainda se maravilham com seus novos brinquedos. Não têm outro sentido nossas corridas de avião. Este sobe mais alto, aquele corre mais depressa.

Esquecemos por que o fazemos correr. A corrida, provisoriamente, fica mais importante que o seu próprio objetivo. E sempre é assim mesmo. Para quem
funda um império o sentido da vida é conquistar. O soldado despreza o

colono. Mas o fim da conquista do soldado não é o estabelecimento do colono? Assim, na exaltação de nossos progressos, fizemos com que os homens servissem ao estabelecimento de vias férreas, à construção de usinas, à perfuração de poços de petróleo. De certo modo esquecemos que essas construções são feitas para servir ao homem. Nossa moral foi, durante o período da conquista, uma moral de soldados. Mas agora precisamos colonizar. Precisamos dar vida a essa casa nova que ainda não tem fisionomia. A verdade, para um, foi construir, para outro, é habitar.

E poucoA perfeição a pouco, sem dúvida, nossa casa se fará mais humana. A própria máquina quanto mais se aperfeiçoa mais se apaga e desaparece atrás de sua função. Parece que todo o esforço industrial do homem, todos os cálculos, todas as noites de vigília sobre as plantas, conduzem apenas à simplicidade, como se fosse necessária a experiência de várias gerações para libertar a curva de uma coluna, de uma quilha ou de uma fuselagem de avião até lhe dar a pureza elementar da curva de um seio ou de um ombro. Parece que o trabalho dos engenheiros, dos desenhistas e dos calculistas dos escritórios de estudos é apenas polir e apagar, realizar da maneira mais suave esta juntura das peças, equilibrar esta asa até que não se note mais nada, até que não haja mais uma asa ligada a uma fuselagem e sim uma forma perfeitamente desenvolvida, libertada de sua ganga, uma espécie de conjunto espontâneo, misteriosamente ligado, e da mesma qualidade de um poema. Parece que a perfeição é atingida não no instante em que não há mais nada a acrescentar à máquina e sim quando não há mais nada a suprimir. Ao termo de sua evolução a máquina se dissimula.

do invento confina assim com a ausência de invento. É assim como, no instrumento, toda a mecânica aparente se foi pouco a pouco sumindo até que ele se fizesse tão natural como um seixo polido pelo mar, assim tambem é admirável como o uso da maquina nos faz, pouco a pouco, esquecer a máquina.

Estávamos, outrora, em contato com uma usina complicada.

Hoje, esquecemos que o motor roda. Ele cumpre a sua função, que é rodar, como um coração bate e não prestamos atenção ao nosso coração. A atenção não é mais absorvida pelo instrumento.

Além do instrumento, através dele, é a velha natureza que reencontramos, a do jardineiro, do navegante, do poeta.

É com a água, é com o ar que o piloto que decola entra em contato. Quando os motores começam a trabalhar, quando o avião já sulca o mar, seu casco soa
como um gongo ao choque das marolas e o piloto sente esse trabalho no tremor de seus rins. Sente que o hidravião, segundo por segundo, à medida que vai ganhando velocidade, vai se enchendo de poder. Sente preparar-se, naquelas 15 toneladas de matéria, a maturidade que permite o vôo. O piloto firma bem as mãos no comando e, pouco a pouco, em suas palmas cerradas, recebe aquele poder como um dom. Os órgãos de metal do comando, à medida que lhe entregam esse dom, se fazem mensageiros de sua potência. Quando ela está madura, o piloto separa o avião das águas e o eleva no ar com um gesto mais leve que o de colher uma flor.

4 - O Avião e o Planeta

I

Sem duvida, o avião é uma maquina mas que instrumento de análise! Esse instrumento nos permitiu descobrir a verdadeira fisionomia da terra. Na verdade, durante séculos, as estradas nos enganaram. Parecíamos aquela rainha que desejou conhecer os seus suditos e saber se eles gostavam de seu reinado. Os cortesãos, para iludi-la, ergueram cenarios felizes ao longo da estrada e pagaram a artistas para que dançassem ali. Fora daquele estreito caminho ela nem sequer entreviu nada, e não soube que pelos campos adentro seu nome era amaldiçoado pelos que morriam de fome.

Assim nós caminhavamos ao longo de estradas sinuosas. Elas evitam as terras estéreis, os rochedos, os areais; seguem as necessidades do homem e vão de uma fonte a outra fonte. Conduzem os camponeses de suas granjas às plantações de trigo, recebem na porteira dos currais o gado ainda adormecido e o levam, pela manhãzinha, até o capinzal farto. Unem esta aldeia a esta outra aldeia porque de uma para outra as pessoas se casam. E mesmo se uma delas se aventura a cortar o

deserto, ei-la que faz mil voltas para regozijar-se com os oasis.

Assim, enganados pelas suas curvas, que são indulgentes mentiras, perlongando, no curso de nossas viagens por essas estradas, tantas terras bem regadas, tantos vergeis, tantos prados, embelezamos, durante muito tempo, a imagem de nossa prisão. Pensamos que este planeta fosse umido e suave.

Mas nossa vista se aguçou, e fizemos um progresso cruel. Com o avião aprendemos a linha reta. Logo que decolamos abandonamos essas estradas que se inclinam para os behedouros e os currais, ou serpenteiam de cidade em cidade. Libertados, desde logo, das servidões queridas, libertados da necessidade das fontes, apontamos a proa para o alvo longinquo. Só então, do alto de nossas trajetórias retilíneas, descobrimos o embasamento essencial, o fundo de rocha, de areia, de sal em que, uma vez ou outra, como um pouco de musgo entre ruínas, a vida ousa florescer.

Então somos transformados em físicos, em biologistas, examinando essas civilizações que enfeitam o fundo dos vales e às vezes, por milagre, se estendem como parques onde o clima as favorece.

Então podemos julgar o homem por uma escala cósmica, observando-o através de nossas vigias como se fora através de instrumentos de estudo. Então relemos a nossa história.

II

O piloto que se dirige para o estreito de Magalhães sobrevoa, um pouco ao sul do rio Galegos, uma antiga corrente de lavas. Esses escombros pesam sobre a planicie com o peso de vinte metros de espessura. Depois, o piloto encontra outra corrente morta de lavas e mais outra: cada elevação do solo, cada colina de duzentos metros de altura mostra a sua cratera. Nada que se pareça ao orgulhoso Vesüvio: erguidas ali, à mesma altura, aquelas goelas de canhão.

Mas hoje a calma se fez. Sente-se com surpresa essa calma naquela paisagem revolvida em que mil vulcões troavam juntos com o ruído de seus grandes órgãos subterrâneos, cuspindo fogo.

Voa-se sobre uma terra muda, ornada de geleiras negras.

Mais adiante, porem, vulcões mais antigos ja estão cobertos por uma relva dourada. Uma árvore cresce, às vezes, numa cratera, feito uma flor num vaso velho. Sob uma luz de crepusculo a planura se faz luxuosa como um parque, civilizada pela vegetação pequena, e mal se curva em volta das gargantas gigantescas. Uma lebre salta, um passaro voa: a vida tomou posse de um planeta novo. A boa massa da terra se depositou, enfim, sobre o astro.

Finalmente, um pouco antes de Punta Arenas, as últimas crateras aparecem. Um verde cerrado veste as curvas dos vulcões: eles agora são apenas doçura. Não ha dobra ou fenda do terreno que não tenha recebido o tapete de vegetação suave. A terra e lisa, os declives são fracos; esquecemos a origem daquilo. A relva apaga, no flanco das colinas, os sinais sombrios do vulcão.

Agora, voamos sobre a cidade mais meridional do mundo, a cidade que o acaso de um pouco de lama ou de lodo permitiu nascer entre os gelos austrais e as lavas primitivas. Tão perto ainda daquelas correntes negras como se sente bem aqui o milagre do homem! É uma estranha descoberta, a desta cidade. Não se sabe como nem por que o peregrino visita estes jardins bem-tratados, habitáveis há tão pouco tempo, apenas uma época geológica, um dia abençoado
entre os dias.

Aterrissei na doçura da tarde. Punta Arenas! Fico parado junto a uma fonte e olho as moças. Assim, tão perto da beleza dessas moças, sinto ainda melhor o mistério humano. Em um mundo em que a vida se une tanto à vida, em que as flores amam as flores no próprio leito dos ventos, em que o cisne conhece todos os cisnes, só os homens constroem a sua solidão.

Entre um e outro homem o espírito reserva um estranho espaço. Um sonho de moça a distancia de mim. Como atingi-la? Que posso saber dessa moça que volta para casa a passos lentos, os olhos baixos, sorrindo para si mesma, cheia de descobertas e mentiras adoraveis? Com os pensamentos, a voz e os silêncios de seu amado ela construiu um Reino e desde então, para ela, fora desse Reino todos são barbaros. Mais do que se estivesse em outro planeta, ela está isolada de mim em seu segredo, em seus costumes, nos murmúrios encantados de sua memória. Nascida ontem dos vulcões, da relva, do sal dos mares, essa

moça já é meio divina.

Punta Arenas! Fico parado junto a uma fonte. Velhas chegam para apanhar água: de seus dramas nada conhecerei além desse trabalho de servas. Um menino, junto ao muro, chora em silêncio.

Nada ficara dele em minha lembrança a não ser a imagem de um belo menino, inconsolável para sempre. Sou um estranho. Não sei nada. Não penetro em seus Reinos.

Como é estreito o cenario em que se representa a peça dos ódios, das amizades, das alegrias humanas! De onde foram tirar os homens esse gosto de eternidade, vivendo ao acaso, como vivem, sobre uma lava ainda morna, já ameaçados pelas neves ou pelas areias do futuro? Suas civilizações são enfeites bem frageis: um vulcão as apaga, ou um mar novo, ou um vento de areia.

Esta cidade parece repousar em uma terra verdadeira, rica em profundidade como a terra de Beauce. Esquecemos que a vida, aqui como em toda parte, é um luxo, e que em parte nenhuma a terra é bem profunda sob os passos do homem. Mas eu conheço, a dez quilômetros de Punta Arenas, uma lagoa que nos demonstra essa verdade. Cercada de árvores mirradas e casinhas baixas, humilde como um brejo no fundo de uma fazenda, ela sofre inexplicavelmente o fluxo e o refluxo das marés. Respirando lentamente, noite e dia, entre tantas realidades pacificas, entre aqueles caniços, aquelas crianças que brincam, ela obedece a outras leis.

Sob a superfície unida, sob o gelo imóvel, sob o unico barco desmantelado, a energia da lua trabalha. Remoinhos maritimos trabalham, nas profunduras,
aquela massa negra. Estranhas digestões se operam ali em volta, até o estreito de Magalhães, sob a camada ligeira de ervas e de flores. Aquele brejo de cem metros de largura, no pórtico de uma cidade em que o homem se acredita em casa, bem estabelecido na terra dos homens, aquele brejo está pulsando com a pulsação do mar.

III

Habitamos um planeta errante. De tempos a tempos, graças ao avião, ele nos mostra sua origem: um brejo, em relação com a lua, revela parentescos ocultos— mas eu já tenho percebido outros sinais. Na costa do Saara, entre o cabo Juby e Cisneros, o piloto sobrevoa, de longe em longe, platôs em forma de troncos de cone cuja largura varia de algumas centenas de passos até mais de trinta quilômetros. A altitude, notavelmente uniforme, desses platôs, é de trezentos metros. Alem dessa igualdade de nível eles apresentam a mesma coloração, a mesma composição do solo, o mesmo feitio de suas escarpas. Como as colunas de um templo, emergindo solitarias da areia, mostram ainda os vestigios da cúpula que desabou, assim esses pilares distantes trazem até nós o testemunho de um vasto planalto que os unia outrora.

Durante os primeiros anos da linha Casablanca-Dacar, quando o material era frágil, muitas vezes tínhamos de aterrissar na região dos rebeldes devido a uma pane ou para procurar ou socorrer alguém. E a areia engana; quando se pensa descer em terreno firme, as rodas afundam. Quanto as antigas salinas que parecem apresentar a rigidez do asfalto e que respondem com um som duro quando se batem as botas no chão, muitas vezes elas cedem ao peso das rodas. A crosta alva de sal parte-se, então, sobre a podridão de um pantano negro. Por isso, sempre que era possivel, escolhiamos, para descer, as superficies lisas daqueles platôs, que não dissimulavam nunca uma cilada.

Essa garantia era devida à presença de uma areia resistente, grossa, conjunto enorme de minusculas conchas. Ainda intatas na superficie do platô, elas se fragmentavam e se aglomeravam à medida que se descia ao longo de uma aresta. No depósito mais antigo, na base do maciço, já eram calcário puro.

Durante o cativeiro de Reine e Serre, companheiros dos quais os dissidentes se haviam apoderado, aterrissei em um desses refugios para deixar ali um emissário mouro. Antes de separar-me dele, procuramos juntos um caminho por onde ele pudesse descer. Mas em todas as direções o nosso terraço terminava em
uma escarpa vertical para o abismo. Impossível descer.

Entretanto, antes de decolar para procurar em outra parte um melhor ponto de descida, eu me demorei ali. Sentia uma alegria talvez pueril em marcar com os meus passos um território que ninguem nunca, nem

homem, nem bicho, ainda havia pisado. Nenhum mouro poder-se-ia lançar ao assalto daquela praça forte. Nenhum europeu havia jamais explorado aquele território. Eu pisava uma areia infinitamente virgem. Era o primeiro a fazer escorrer de uma mão para outra, como ouro precioso, aquela poeira de conchas.

O primeiro a perturbar aquele silêncio. Sobre aquela espécie de banquisa polar que, através de toda a eternidade, não havia formado uma só moita de capim, eu era, tal uma semente trazida pelo vento, o primeiro testemunho da vida.

Uma estrela já brilhava, e eu a contemplei. Imaginei que aquela superfície branca em que me achava havia estado ali, feito uma oferta, perante os astros somente, durante centenas de milhares de anos. Lençol imaculado estendido sob a pureza do céu. E senti alguma coisa no coração, assim como no limiar de uma grande descoberta, quando descobri sobre esse lençol, a 15 ou vinte metros de mim, um pedaço de pedra negra.

Eu estava sobre trezentos metros de espessura de conchas moídas. Toda a formação do terreno se opunha, como uma prova peremptória, à presença de uma pedra. Silices poderiam dormir, talvez, nas profundezas subterrâneas, surgidos das lentas digestões do globo, mas que milagre teria feito subir um dentre eles até o alto, até aquela superficie por demais recente? O coração batendo com força, abaixei-me para apanhar o meu achado; um pedaço de pedra dura, negra. do tamanho de um punho, pesada como metal, em forma de lagrima.

Um lençol estendido sob uma macieira só pode receber maçãs; um lençol estendido sob as estrelas só pode receber poeira dos astros. Nunca nenhum aerolito havia mostrado a sua origem com uma tal evidência.

Então, naturalmente, erguendo a cabeça, refleti que, do alto daquela macieira celeste, outros frutos deveriam ter caído. Eu os acharia no mesmo lugar de sua queda porque, através de centenas de milhares de anos, nada os poderia ter desarrumado, e eles não se confundiam com o terreno. Fiz logo uma exploração para verificar minha hipótese.

E ela estava certa. Catei aerolitos na razão aproximada de um por hectare. Sempre aquele aspecto de lava petrificada. Sempre aquela dureza de diamante negro. E eu assistia, assim, numa recapitulação empolgante, do alto do meu pluviômetro para estrelas, a uma lenta chuva de fogo.

IV

O mais maravilhoso, porém, é que houvesse ali, de pé sobre o dorso curvo do planeta, entre aquele branco lençol imantado e as estrelas, uma consciência de homem na qual aquela chuva pudesse se refletir como em um espelho. Sobre uma base de minérios um sonho e um milagre. E eu me lembrei de um sonho...

Obrigado a descer, de outra feita, em uma região de areia espessa, esperava a madrugada. As colinas de ouro ofereciam à lua suas vertentes luminosas, e as vertentes de sombra subiam até os limites da luz. Naquela paisagem deserta de sombra e lua reinava uma paz de trabalho suspenso e também um silêncio de cilada. No seio desse silêncio adormeci.

Quando despertei vi apenas a bacia do céu noturno, porque eu me havia estirado sobre um monte, os braços em cruz, o rosto voltado para aquele aquario de estrelas. Sem compreender ainda o que via, sem saber em que profundeza mergulhava os olhos, fui presa de uma vertigem, sem uma raiz a que me agarrar, sem um teto, um ramo de árvore entre mim e aquela profundeza, solto, largado na queda como um mergulhador.

Mas não caí. Da cabeça aos pés, estava ligado à terra. Sentia uma espécie de apaziguamento, abandonando-lhe o meu peso.

A força da gravidade me aparecia, de repente, soberana como o amor. Sentia a terra escorar meus rins, sustentar-me, erguer-me, transportar-me no espaço noturno. Descobri-me ligado ao meu astro por um peso semelhante a esse peso que na curva nos liga a um carro, e gozei esse estreitamento admirável, essa solidez, essa segurança. Adivinhei, sob o meu corpo, a curva de meu barco. Tinha tão perfeita a consciência de estar sendo transportado que teria ouvido sem surpresa subir do fundo das terras a lamentação dos materiais que se reajustam no esforço, o gemido dos velhos veleiros que se chegam ao ancoradouro, o longo, áspero grito das lanchas aflitas. Mas o silêncio continuava na espessura das terras. Mas aquele peso de meu corpo,

aquele peso em meus ombros eu o sentia harmonioso, nobre, eternamente uniforme. Eu sentia bem que habitava esta pátria, como os corpos dos forçados das galés, mortos, com seu lastro de chumbo, habitavam o fundo dos mares.

Meditava sobre a minha condição, perdido no deserto e ameaçado, nu entre a areia e as estrelas, afastado por um longo silêncio dos pólos de minha vida. Sabia que haveria de gastar, para voltar às minhas terras, dias, semanas, meses, se nenhum avião me encontrasse, se os mouros não me massacrassem no dia seguinte. Não possuía mais nada no mundo. Era apenas um mortal perdido entre a areia e as estrelas, consciente da unica doçura de respirar...

Contudo, eu me descobria cheio de sonhos. Sonhos que me vinham em silêncio, como água de nascente, sem que eu compreendesse, a princípio, a doçura que me invadia. Não houve imagens nem vozes, mas o sentimento de uma presença, de uma ternura próxima, que eu já adivinhava. Então compreendi e me abandonei, de olhos fechados, aos encantamentos da memória.

Havia, em algum lugar, um parque cheio de pinheiros escuros e tílias, e uma velha casa que eu amava. Pouco importava que ela estivesse distante ou próxima, que não pudesse cercar de calor o meu corpo, nem me abrigar, reduzida apenas a um sonho; bastava que ela existisse para que a minha noite fosse cheia de sua presença. Eu não era mais um corpo de homem perdido no areal. Eu me orientava. Era o menino daquela casa, cheio da lembrança de seus perfumes, cheio da frescura de seus vestíbulos, cheio das vozes que a haviam animado. E chegava mesmo até mim o coaxar das rãs nos charcos próximos. Precisava desses mil sinais para reconhecer a mim mesmo, para descobrir de quantas ausências era feito o gosto daquele deserto, para achar um sentido naquele silêncio feito de mil silêncios, naquele silêncio em que até as rãs emudeciam.

Não, eu não me estirava mais, solitário, entre a areia e as estrelas. Da paisagem recebia apenas uma fria mensagem. Mesmo aquele gosto de eternidade que pensei viesse do deserto tinha outra origem. Eu revia os grandes armarios solenes da casa. Eles se entreabriam mostrando pilhas de lençóis alvos como a neve.

Eles se entreabriam mostrando provisões cobertas de neve. A velha governanta trotava de um armario a outro como um rato sempre conferindo, desdobrando, tornando a dobrar, contando o linho branco,

exclamando: "Ah, meu Deus, que infelicidade!" ao notar algum leve sinal de estrago que ameaçasse a eternidade da casa, e correndo logo para queimar os olhos sob a lâmpada, a cerzir aqueles linhos que para ela eram como toalhas de altar, como velas de três mastros—para servir a alguma coisa de muito grande, como um deus ou
um navio.

Ah, eu bem te devo uma pagina! Quando eu voltava de minhas primeiras viagens, Madmoisellc, eu te encontrava com a agulha na mão, afundada até os joelhos em tua sobrepeliz branca, cada ano um pouco mais enrugada, os cabelos um pouco mais alvos, preparando sempre com tuas mãos aqueles linhos sem dobras para nossos sonos, aquelas toalhas sem costuras para nossos jantares, que eram festas de cristais e de luzes. Eu ia te visitar em tua lingerie, sentava-me em tua frente e contava os perigos de morte que sofrera, para te comover, para te abrir os olhos sobre o mundo, para te corromper. Eu não havia mudado nada dizias então. Quando era menino já vivia rasgando as camisas ah, que infelicidade!

— Já vivia esfolando os joelhos e depois vinha correndo para casa, como naquela tarde, para que tratassem de mim.

Mas não, não, Mademoiselle! Não era mais do fundo do parque que eu vinha agora; era dos confins do mundo. E trazia comigo o odor acre das solidões, o turbilhão dos ventos de areia, as luas deslumbrantes dos trópicos!

Eu sei, eu sei—tu me dizias—,os meninos são assim, pensam que são muito fortes, vivem em correrias, se machucam todos.

Mas não, não, Mademoiselle, eu havia ido muito além do parque. Ah, se soubesses como essas sombras do parque são pouca coisa! Como parecem perdidas entre os areais, as rochas, as florestas virgens, os
charcos da terra! Sabes, ao menos, que há terras em que os homens, logo que enxergam a gente, apontam suas carabinas? Sabes que há desertos, Mademoiselle, em que a gente dorme numa noite gelada, sem teto, sem cama, sem um lençol, Mademoiselle? E tu dizias:—Ah, menino...

Eu não abalava a tua fé como não abalaria a fé de uma velha serva da Igreja. Lamentava teu destino humilde que te fazia cega e surda...

Mas esta noite, no Saara, sozinho entre a areia e as estrelas, eu te faço justiça.

Não sei o que se passa em mim. Esta força de gravidade me liga ao chão quando tantas estrelas são imantadas. Uma outra força de

gravidade me prende a mim mesmo. Sinto o meu peso que me une a tantas coisas! Meus sonhos são mais reais que estas dunas, esta lua, estas presenças. Oh, o que há de maravilhoso numa casa não é que ela nos abrigue e nos conforte, nem que tenha paredes. É que deponha em nós, lentamente, tantas provisões de doçura. Que forme, no fundo de nosso coração, essa nascente obscura de onde correm, como água da fonte, os sonhos...

Ah, o meu Saara, o meu Saara inteiro encantado por uma velha fiandeira!

5 - Oásis

Já vos falei tanto do deserto que, antes de falar mais, gostaria de descrever um oásis. Aquele cuja imagem me vem agora a lembrança não está perdido no fundo do Saara. Mas um outro milagre do avião é que ele nos mergulha diretamente no centro do mistério. Se fôsseis o biologista, estudando, através da vigia de bordo, o formigueiro humano, haveríeis de considerar sem emoção as cidades pousadas em suas planícies, no centro das estradas que se abrem em forma de estrela e que alimentam essas cidades, como artérias, com a seiva dos campos. Mas uma agulha treme sobre um manômetro e aquela moita verde, lá embaixo, transforma-se num universo. Sois prisioneiros de um tabuleiro de relva num parque adormecido.

Não é a distância que mede o afastamento. O muro de um jardim de nossa casa pode encerrar mais segredos que as muralhas da China, e a alma de uma simples mocinha é melhor protegida pelo silêncio do que os oásis do Saara pela extensão das areias.

Contarei uma curta escala em algum lugar do mundo. Foi perto de Concórdia, na Argentina, mas poderia ter sido em qualquer outro lugar: o mistério está em toda parte.

Eu havia aterrissado num campo e não sabia que ia viver um conto de fadas. O velho Ford em que me levavam não oferecia nada de particular. Nem aquele casal pacato que me havia recolhido:

— O senhor ficará conosco hoje à noite...

Mas em uma curva da estrada surgiram, ao luar, umas árvores e, atras das árvores, aquela casa. Que estranha casa! Grossa, maciça, quase uma cidadela. Um castelo de lenda que oferecia, uma vez passado o portal, um abrigo tão pacifico, tão seguro, tão protegido como um mosteiro.

Logo apareceram duas moças. Olharam-me gravemente, como dois juízes no limiar de um reino proibido: a mais nova fez um leve muxoxo e bateu no chão com uma varinha verde. Feitas as apresentações, elas me estenderam as mãos sem dizer palavra, com um ar de curioso desafio, e desapareceram.

Eu estava divertido e ao mesmo tempo encantado. Tudo aquilo era simples, silencioso, furtivo como a primeira palavra de um segredo.

Eh, eh, essas meninas são uns bichos-do-mato disse simplesmente o pai. E entramos.

Eu amava, no Paraguai, um irônico matinho que aparece entre as pedras do calçamento da capital como se viesse, de parte da mata virgem invisivel mas presente, ver se os homens ainda ocupavam a cidade, se ainda não era chegada a hora dos troncos crescerem, afastando as pedras. Amava aquela espécie de descuido que exprime apenas uma grande riqueza. Mas ali, naquela casa, eu me maravilhei.

Ali tudo estava descuidado, adoravelmente em ruínas qual uma velha árvore coberta de musgo que a velhice alquebrou. Como um banco de madeira em que os pares amorosos vão se sentar através de gerações. O madeiramento apodrecido, os batentes roídos, as cadeiras cambajas. Mas, se nada era consertado, tudo estava limpo, limpo com uma espécie de fervor. Tudo arcado, encerado, brilhante.

A sala de visitas tinha uma fisionomia extraordinariamente intensa, como a de uma velha cheia de rugas. Rachas das paredes, rasgões do forro, tudo isso eu admirava, e, acima de tudo, o assoalho que afundava aqui e oscilava mais adiante, como ponte mal segura, mas sempre envernizado, polido, lustroso. Estranha casa que não sugeria nenhuma negligência, nenhuma displicência, e sim um extraordinario respeito. Cada ano juntava, sem duvida, alguma coisa ao seu encanto, a complexidade de sua fisionomia, ao fervor de sua atmosfera amiga e tambem aos perigos da viagem que era preciso fazer para ir da sala de visitas à sala de jantar.

Cuidado!

Era um buraco. Fizeram notar que eu podia facilmente quebrar uma perna caindo em um buraco daqueles. Quanto ao buraco, ninguem era responsável por ele: era obra do tempo. Aquele desprezo soberano pela necessidade de pedir desculpas tinha alguma coisa de fidalgo. Não me disseram: "Poderíamos mandar tapar esses buracos, temos dinheiro, mas..." Tambem não me disseram o que. todavia, era verdade: "Alugamos isto a municipalidade por trinta anos. O governo é que deve fazer os consertos." Ficamos discutindo, teimando. Desdenhavam dar explicações, e isso me encantava. No maximo o dono da casa notava: Eh! Eh! Está um pouco estragado isso...

Mas dizia isso de um modo tão descuidado que suspeitei de que

aquilo não entristecia nada o meu bom amigo. Na verdade, o que aconteceria se uma turma de pedreiros, carpinteiros, marceneiros e estucadores viesse trazer para aquele passado seus instrumentos sacrílegos? Eles fariam em oito dias uma outra casa, uma casa desconhecida onde os antigos donos se sentiriam como visitas. Uma casa sem mistérios, sem recantos, sem alçapões sob nossos pés, sem masmorras ocultas—uma espécie de salão de prefeitura...

Fora com toda a naturalidade que as moças haviam desaparecido naquele casarão misterioso. Como deveriam ser os porões se a sala de visitas já continha as riquezas de um porão! Quando já se adivinhava ali que bastava abrir um armario qualquer para que aparecessem maços de cartas amareladas, maços de recibos do bisavô, e chaves em maior número que todas as fechaduras da casa, chaves das quais nem uma, com certeza, serviria em fechadura nenhuma... Chaves maravilhosamente inuteis que perturbam a razão, que fazem sonhar com subterrâneos, cofres ocultos, moedas de ouro...

— Vamos para a mesa, sim?

Fomos para a mesa. Eu respirava naquelas salas, como um incenso, esse cheiro de velha biblioteca que vale todos os perfumes do mundo. E sobretudo admirava o transporte dos lampiões.

Verdadeiros lampiões pesados que eram levados de uma sala a outra como nos tempos mais profundos de minha infância, lançando nas paredes sombras maravilhosas. Grandes lampiões que despejavam florões de luz e palmas de sombra. Uma vez colocados os lampiões em seus lugares, as praias de claridade se imobilizavam, cercadas pelas vastas reservas de noite onde havia estalidos de madeira.

As duas moças reapareceram tão misteriosamente, tão silenciosamente como haviam sumido. Sentaram-se gravemente a mesa.

Sem duvida haviam dado comida aos seus cães e aos seus pássaros, tinham aberto suas janelas para a noite clara e respirado com doçura o cheiro de mato trazido pelo vento noturno. Agora, desdobrando o guardanapo, elas me vigiavam disfarçadamente, com prudência, perguntando-se talvez se deviam me incluir na lista de seus animais domésticos. Pois possuiam, alem de cães e passaros, uma iguana, um mangusto, uma raposa, um macaco e abelhas. Todos esses bichos vivendo em promiscuidade, entendendo-se maravilhosamente, compondo um novo paraíso terrestre. Elas reinavam sobre todos os animais da

criação, encantando-os com as suas mãos pequenas, dando-lhes agua e comida, contando lhes histórias que todos das abelhas ao mangusto—ouviam com atenção.

Senti que as duas moças tão vivas empregavam todo o seu espirito crítico, toda a sua agudez para lançar sobre o homem que estava em sua frente um julgamento rapido, secreto e definitivo. Assim tambem na minha infância as minhas irmãs davam notas aos convidados que pela primeira vez honravam a nossa mesa. Quando a nossa conversa enfraquecia ouvia-se de repente, no silêncio:

— Onze!

E ninguem, a não ser minhas irmãs e eu, sabia o que queria dizer aquele onze.

A lembrança dessa brincadeira perturbava-me um pouco. O que mais me constrangia ainda era sentir a argúcia de meus juizes.

Juizes que conheciam as manhas de todos os bichos; que. pela maneira de andar da raposa, sabiam se ela estava de bom ou mau humor, que possuíam um conhecimento tão profundo dos movimentos interiores.

Agradavam-me aqueles olhares aguçados e aquelas duas pequenas almas tão justiceiras—mas como seria preferível que elas mudassem de jogo! Entretanto, com medo do "onze" eu ia, baixamente, lhes passando o sal, servindo o vinho— mas quando erguia os olhos encontrava sempre aquela mesma doce gravidade de juízes incorruptíveis.

A própria lisonja não teria efeito: elas ignoravam a vaidade. A vaidade, mas não o belo orgulho. Pensavam de si mesmas, sem meu auxilio, muito mais bem do que eu ousaria dizer. Não pensei nem mesmo em procurar prestigio na minha profissão de aviador.

É tão mais audacioso subir até os ultimos galhos de uma árvore para dar bom-dia à ninhada dos passarinhos e saber se eles já estão se emplumando! E as duas fadas silenciosas me vigiavam tanto, e eu encontrava tantas vezes seus olhares furtivos que parei de falar. Fez-se um silêncio e durante esse silêncio alguma coisa sibilou levemente no assoalho, fez um pequeno barulho sob a mesa e silenciou. Ergui os olhos, intrigado. Então, sem duvida satisfeita com seu exame, mas usando a ultima pedra de toque e mordendo o pão com seus jovens dentes selvagens, a mais nova me explicou simplesmente, com uma candura com que ela pretendia espantar o barbaro, se eu o fosse: — São

as víboras.

E calou-se, como se essa explicação devesse bastar para qualquer pessoa que não fosse muito tola. Sua irmã lançou-me um olhar rapido para julgar meu primeiro movimento, e ambas baixaram para os pratos os rostos mais doces e ingênuos do mundo.

— Ali, são víboras...

Naturalmente estas palavras me escaparam. Aqueles bichos haviam passado entre minhas pernas, junto a meus calcanhares, e eram víboras... Felizmente para mim, sorri. E sorri sem constrangimento: elas o teriam notado. Sorri porque me sentia contente, porque aquela

casa, decididamente, de minuto a minuto, me agradava mais; e tambem porque queria saber mais alguma coisa a respeito das víboras. A mais velha veio em meu auxilio:

— Elas fizeram o ninho num buraco, debaixo da mesa.

— As dez horas da noite elas voltam—acrescentou a irmã.

— Durante o dia caçam.

Agora por minha vez, eu olhava disfarçadamente as duas moças. Aquela fineza de espirito, aqueles sorrisos silenciosos sob a fisionomia calma. E admirava o reinado que elas exerciam...

Hoje, fico pensando. Tudo isso foi ha muito tempo. Que tera sido daquelas duas fadas? Com certeza estão casadas. Mas terão mudado? É tão grave passar da condição de moça para a de mulher...

Que fazem em suas casas novas? Como vão suas relações com as ervas daninhas e as cobras? Elas estavam ligadas a qualquer coisa de universal. Mas vem o dia em que a mulher desperta dentro da mocinha. Ela sonha com um visitante que mereça a nota 19. Um 19 pesa no fundo de seu coração. Então um imbecil se apresenta.

Pela primeira vez aqueles olhos tão agudos se enganam e vêem o imbecil pintado em cores lindas. Se o imbecil diz versos ela o julga poeta. Pensa que ele compreende o assoalho esburacado, que ele adora os mangustos. Pensa que ele se alegra com a confiança das viboras brincando em seus pés, debaixo da mesa. Da-lhe o coração que é um jardim selvagem a ele, que só ama os parques bem tratados. E o imbecil leva a princesa como sua escrava.

6 - No Deserto

I

Essas doçuras nos eram interditas quando, pilotos da linha do Saara, ficávamos prisioneiros da areia, navegando, durante semanas, meses, anos, de um fortim a outro, sem ir à França. O deserto não oferecia oasis como aquele. Jardins e moças ali eram lendas.

Certamente la longe, na terra, onde, acabado o trabalho, poderiamos reviver, mil moças nos esperavam. Certamente ali, entre seus livros e seus mangustos, elas estavam compondo com paciência suas almas saborosas. Certamente elas cresciam em beleza...

Mas eu conheço a solidão. Três anos de deserto me ensinaram bem o seu gosto. O que nos contrista não é a mocidade que se gasta numa paisagem mineral. É o pensamento de que, longe de nós, é o mundo que envelhece. As árvores formaram seus frutos, as terras deram seu trigo, as mulheres se fizeram belas. Mas a estação avança. Seria necessário voltar para la depressa...

Mas a estação avança e estamos presos, à distância. E os bens da terra deslizam entre nossos dedos como a fina areia das dunas.

A passagem do tempo não é, em geral, sentida pelos homens.

Eles vivem numa paz provisória. Mas nós a provávamos ao descer em um ponto de escala quando sentiamos no rosto aqueles ventos alísios, sempre em marcha. Eramos como o viajante do rapido cheio dos ruídos das ferragens que se sacodem na noite, e que adivinha, pelas golfadas de luz na vidraça do carro, que passam lá fora, desperdiçando-se, o murmurio dos campos, de suas aldeias, de seus dominios encantados sem deles nada reter, porque esta em viagem. Nós tambem, animados de uma ligeira febre, o ruído do vôo ainda zunindo nos ouvidos, nós Sentíamos em viagem, apesar da calma do posto de escala. Nós nos surpreendíamos também levados para um destino desconhecido, ao sabor dos ventos, pelas batidas de nossos corações.

E, além do deserto, os revoltosos do deserto. As noites de Cabo Jubv eram marcadas, de 15 em 15 minutos, como pelo gongo de um relógio: as sentinelas, de posto em posto, alertavam-se com um grande grito regulamentar. O forte

espanhol de Cabo jubv, perdido na terra dos revoltosos, precavia-se assim contra as ameaças inesperadas. E nós, os passageiros daquele navio cego, escutávamos os gritos das sentinelas se aproximando, crescendo de posto em posto, descrevendo em volta do forte, em volta de nós, curvas de aves marinhas.

Entretanto, amamos o deserto.

Se no começo ele é apenas solidão e silencio é que não se entrega aos amantes de um dia. Mesmo uma simples aldeia de nossa terra se furta assim ao recém-chegado. Se não renunciamos, por aquela aldeia, ao resto do mundo, se não volvemos às suas tradições, aos seus costumes, às suas rivalidades, ignoramos tudo aquilo que é uma pátria para tantos outros. Mesmo um homem, a dois passos de nós, um homem que se encerrou em seu claustro e vive segundo regras para nós desconhecidas, é como se habitasse nas solidões do Tibete, longe, tão longe que nenhum avião nos levaria até lá, nunca. Nada nos adiantaria visitar a sua cela. Ela está vazia. O império do homem é interior. Assim também o deserto não é feito de areia nem dos tuaregues nem dos mouros armados de fuzil...

Mas acontece que um dia sentimos sede. E aquele poço que já conhecíamos só agora descobrimos que resplandece na amplidão.

Assim uma invisível mulher enche de encantamento uma casa. Um poço vive a distância, como o amor.

As areias são, a principio, desertas. Mas vem o dia em que, temendo a aproximação de um rezzou, vemos, naquelas areias, as dobras do grande manto em que ele se envolve. E assim o rezzou também transfigura as areias...

Aceitamos as regras do jogo: o jogo nos faz, agora, à sua imagem. O Saara, é em nós que ele se mostra. Abordá-lo não é visitar um oasis. É fazer, de uma fonte, nossa religião.

II

Desde minha primeira viagem conheci o gosto do deserto.

Haviamos caído, Riguelle, Guillaumet e eu, perto do fortim de

Nouatchott. Esse pequeno posto militar da Mauritânia era, naquele tempo, tão isolado da vida como uma ilhota perdida no mar. Ali vivia encerrado um velho sargento com seus 15 senegaleses.

Recebeu-nos como a enviados do Céu:

— Ah, para mim, falar com vocês é um acontecimento! Ah, é um acontecimento!...

Era um acontecimento: ele chorava.

— Nestes seis meses vocês são os primeiros. É de seis em seis meses que me reabastecem de víveres. As vezes vem o tenente, às vezes vem o capitão. Nós ainda estávamos atordoados. A duas horas de Dacar, onde íamos almoçar, um desarranjo do motor mudara nosso destino.

E ali estávamos fazendo o papel de assombrações para o velho sargento que chorava.

Ah, bebam! Eu tenho um grande prazer em oferecer um pouco de vinho. Imaginem: quando o capitão passou não havia mais vinho para o capitão. Já contei isso num livro, mas não é romance. Ele nos disse:

— Na última vez eu nem ao menos pude bater os copos com ele... Fiquei tão envergonhado que pedi que me substituissem...

Bater os copos. Fazer tinir num brinde vigoroso os copos com alguém que desce do dromedário, ensopado em suor! Durante seis meses ele havia vivido para aquele minuto. Desde um mês antes já se limpavam as armas, já se arrumava o posto inteiro, do celeiro ao paiol. Alguns dias antes, sentindo a
aproximação do dia abençoado, ele já vigiava infatigavelmente do alto do terraço o horizonte para descobrir aquele ponto de poeira de onde sairia a coluna volante de Atar...

Mas o vinho falta: não se pode celebrar a festa. Não se podem bater os copos. E ele sente-se como que desonrado...

— Tenho pressa de que ele volte. Estou esperando...

— Onde é que ele está, sargento?

E o sargento, mostrando as areias:

— Não se sabe, ele anda por toda parte, o capitão!

Foi realmente assim, aquela noite passada no terraço do fortim a conversar sobre as estrelas. Não havia outra coisa a ver senão as estrelas. La estavam elas, todas, como se estivéssemos em um

avião—mas fixas.

No avião, quando a noite é muito bela, a gente se deixa ir. quase não dirige e o avião pouco a pouco se inclina para a esquerda.

A gente pensa que ele ainda está horizontal, quando descobre, sob a asa direita, uma aldeia. Mas no deserto não há aldeias. Outras vezes a gente descobre uma flotilha de pesca. Mas ao largo do Saara não há flotilhas de pesca no mar. E então? Então, a gente sorri do erro. Docemente corrige a posição do aparelho. E a aldeia volta a seu lugar. Repomos na panoplia a constelação que tinhamos deixado cair. Aldeia? Sim, uma aldeia de estrelas.. Mas do alto do fortim vê-se apenas o deserto como um grande mar gelado, com as ondas de areia imóveis. As constelações bem pregadas em seus lugares. E o sargento nos fala delas:

— Olhe, eu conheço bem as direções. Apontando a proa para aquela estrela vai-se direito a Túnis.

— Você é de Túnis?

— Eu, não. Minha prima.

Faz-se um longo silêncio. Mas o sargento não ousa nos esconder nada: — Um dia hei de ir a Túnis.

Certamente irá por um outro caminho, não marchando em linha reta sob aquela estrela. A menos que um dia qualquer, numa expedição, o sargento, com sede, encontre um poço esgotado. Então cairá em delirio, e a estrela, Túnis e a prima se confundirão. Então começara a marcha inspirada que os profanos julgam dolorosa.

— Uma vez pedi ao capitão licença para ir a Tunis ver minha prima. Ele respondeu...

— Que foi que ele respondeu?

— Respondeu: "Ora, o mundo está cheio de primas." E, como era mais perto, me mandou para Dacar.

— Bonita, sua prima?

— A de Túnis? Se é... É loura...

—Não, a de Dacar...

Sargento, tivemos vontade de abraça-lo quando nos veio sua resposta um pouco despeitada e melancólica:

— Era preta...

Que era o Saara para você, sargento? Um deus perpetuamente em marcha para o seu fortim. E tambem a doçura de uma prima loura atrás de cinco mil quilômetros de areia.

Que era o deserto para nós? Era aquilo que nascia em nós. O que sentíamos em nós mesmos. Nós tambem, naquela noite, estávamos enamorados de uma prima e de um capitão...

III

Plantada na fronteira dos territórios insubmissos, Port-Etienne não é uma cidade. Existe ali um fortim, um hangar e um barracão de madeira para nossas tripulações. O deserto, em volta, é tão absoluto que, apesar de seus pequenos recursos militares, Port-Etienne é quase invencivel. Para ataca-la é preciso transpor um tal Cinturão de areia e fogo que os rezzou só podem atingi-la quase sem força, com as brovisões de água esgotadas.

Entretanto, desde os tempos imemoriais, houve sempre, em algum lugar do Norte, um rezzou em marcha para Port-Etienne.

Toda vez que vem ao nosso barracão tomar chá, o capitão-governador mostra a marcha desse rezzou no mapa, como se nos contasse a história de uma bela princesa. Mas esse rezzou não chega nunca, como um rio que fosse sendo bebido aos poucos pela areia do caminho. Por isso, nós o chamamos rezzou fantasma. As granadas e os cartuchos que nos entregam a noite dormem em suas caixas, no chão. O unico inimigo que devemos enfrentar é o silêncio, protegidos, antes de tudo, pela nossa tristeza. E Lucas, o chefe do aeroporto, faz rodar dia e noite o seu gramofone que aqui, tão longe da vida, nos fala em uma linguagem meio perdida e provoca uma espécie de melancolia sem objetivo, curiosamente semelhante a sede.

Naquela noite jantamos no forte, e o capitão-governador nos levou para admirar seu jardim. Recebeu da França três caixas cheias de terra verdadeira que viajaram quatro mil quilômetros. Ali crescem três folhinhas verdes que acariciamos com os dedos como se fossem joias. O capitão diz: é o meu parque. E quando sopra o vento de areia, que faz secar tudo, leva o seu parque para o subterrâneo.

Moramos a um quilômetro do forte, e voltamos para casa ao luar,

depois da ceia.

Ao luar a areia é rósea. Nós aqui somos infinitamente pobres, mas a areia é rósea. De repente o grito de uma sentinela restabelece o patético no mundo. É todo o Saara que se assusta com as nossas sombras e nos interroga, porque um rezzou está em marcha.

No grito da sentinela soam todas as vozes do deserto. O deserto não é mais uma casa vazia: uma caravana moura eletriza a noite.

Pensávamos estar em segurança. Contudo, a doença, o desastre, o rezzou, quantas ameaças caminham para nós! O homem é um alvo para esses atiradores ocultos. E a sentinela senegalesa, como um profeta, nos faz lembrar isto.

Respondemos: "Franceses!" e passamos diante do

anjo negro. E respiramos melhor.

Aquela vaga ameaça de um rezzou dá uma certa nobreza a nossa vida. Ameaça mUito distante ainda, muito afastada, amortecida pela imensidão da areia: mas o mundo ja não é o mesmo, O deserto torna-se suntuoso. Um rezzou em marcha em algum lugar, um rezzou que não chegará, faz o deserto divino.

Onze da noite. Lucas vem do posto de radio e me diz que o avião de Dacar chegará à meia-noite. Tudo vai bem a bordo. A meia-noite e dez a bagagem estara baldeada para meu avião e decolarei para o Norte.

Faço atentamente a barba diante de um espelho rachado. De vez em quando, com a toalha no pescoço, vou até a porta e olho a areia nua: o tempo está bom, mas o vento cai. Volto ao espelho. Fico pensando. Um vento que sopra durante meses... Quando ele cessa, às vezes perturba todo o céu. Apanho meus apetrechos: as lanternas de emergência que prendo à cintura, o altimetro, os lapis. Vou até Neri, que será meu radiotelegrafista esta noite. Também está se barbeando.

— Então, como vão as coisas?

Por enquanto, vão bem. Esta operação preliminar é a menos dificil do vôo. Mas ouço um leve ruído: uma lavadeira bate em minha lanterna. Sem que eu saiba por quê, esse pequeno inseto parece dar uma picada em meu coração.

Saio outra vez e olho: tudo está puro, limpo. Um rochedo destaca-se no horizonte, nitido, como se fosse dia. Sobre o deserto reina um grande silêncio de casa em ordem. Mas uma borboleta verde e duas lavadeiras

batem as asas contra minha lanterna. E percebo em mim um sentimento surdo, talvez de alegria, talvez de temor, mas que vem do fundo de mim mesmo, ainda muito obscuro, quase indistinto. Alguém me fala alguma coisa, de muito longe. Será meu instinto? Ando mais: o vento parou. Mas o ar continua fresco.

Recebi um aviso. Adivinho, creio adivinhar o que me espera: terei razão? Nem o céu nem a areia me fizeram nenhum sinal. Mas duas lavadeiras me

falaram: duas lavadeiras e uma borboleta verde.

Subo a uma duna e sento-me virado para leste. Se estou com a razão, "aquilo" não deve demorar muito. Que procurariam aqui essas Lavadeiras, a centenas de quilômetros dos oasis do interior?

Leves destroços numa praia provam que um ciclone devastou o mar. Assim esses insetos mostram que uma tempestade de areia está em marcha; uma tempestade que vem de Leste, que varreu as borboletas verdes de suas palmeiras distantes. Seu anuncio chega até mim. É solene, porque é uma prova, solene, porque é uma pesada ameaça, solene, por conter uma tempestade, o vento de leste começa a soprar. Mal sinto seu leve suspiro. Sou o limite extremo que a espuma de sua onda lambe. A vinte metros atras de mim ele não teria força para estremecer uma teia de aranha. Seu halito quente envolveu-me uma vez, uma só, com uma caricia que parecia morta. Mas eu sei: durante os instantes que se seguem, o Saara toma respiração e vai dar seu segundo suspiro. Em menos de três minutos a biruta do hangar vai se encher. Em menos de dez minutos a areia turbilhonará no céu. Decolaremos naquele fogo, naquela roda de chamas do deserto.

Mas não é isso que me comove. O que me enche de uma alegria bárbara é haver compreendido por um Leve sinal uma linguagem secreta, é haver farejado a tempestade como um primitivo, em que todo o futuro se anuncia por Leves rumores. É ter lido a colera do deserto no fremir das asas de uma lavadeira.

IV

Estávamos, ali, em contato com os mouros insubmissos. Eles apareciam às vezes do fundo dos territórios proibidos, daqueles

territórios que transpúnhamos em nossos voos; arriscavam-se a ir aos fortins de Juby ou Cisneros comprar açúcar ou cha. Depois mergulhavam outra vez em seus mistérios. Tentavamos, quando eles vinham, ganhar a confiança de alguns.

Quando eram chefes influentes, nós os levávamos às vezes a bordo, de acordo com a direção das linhas, para lhes mostrar o mundo. Tratava-se de extinguir o seu orgulho. Porque era mais por desprezo que por ódio que eles matavam os prisioneiros. Quando passavam por nós perto de um fortim nem sequer nos injuriavam: viravam a cara e cuspiam. Tiravam esse orgulho da ilusão de sua força. Quantos dentre eles não me repetiram, tendo posto em pé de guerra um exército de trezentos fuzis: "Vocês, lá da França, têm sorte de estar a mais de cem dias de marcha..."

Assim, nós os levávamos a passear. E assim três deles visitaram aquela França desconhecida. Eram da raça dos que, tendo uma vez me acompanhado ao Senegal, choraram ao ver árvores.

Quando os encontrei novamente em suas tendas eles falavam com admiração dos music-halls em que haviam visto mulheres nuas dançando entre flores. Aqueles homens jamais haviam visto, antes, uma

árvore, ou uma fonte ou uma rosa. Só através do Alcorão conheciam a existência de jardins em que murmuram regatos, pois assim é chamado o Paraíso. Esse paraíso e suas belas cativas é ganho pela morte amarga sobre a areia, a um tiro de fuzil de um infiel, depois de trinta anos de miséria. Mas Deus os engana, porque Deus não exige dos franceses, aos quais são concedidos todos

aqueles tesouros, o sacrifício da sede nem da morte. É por isso que eles estão meditando agora, os velhos chefes. E é por isso que ali, olhando o Saara que se estende, deserto, em volta de sua tenda, o Saara que até a morte lhes dara tão magros prazeres, eles se entregam a confidências.

Veja você... o Deus dos franceses... Ele é mais generoso para os franceses do que o Deus dos mouros para os mouros!

Algumas semanas antes haviam sido levados a passear na Savoia. O guia os conduziu a uma grande cascata, uma espécie de coluna de pedras de onde desciam tranças de aguas barulhentas, e lhes disse:

— Bebam.

E era água doce. Agua! Aqui, quantos dias de marcha para atingir o poço mais próximo e, quando se encontra esse poço, quantas horas para

cavar na areia que o cobriu, até chegar a uma pobre lama misturada com urina de camelo! Agua! Em Cabo Juby, em Cisneros, em Port-Etienne os meninos mouros não mendigam dinheiro. Com uma lata de conserva vazia na mão pedem esmola de água:

— Me da um pouquinho de agua, me dá...

— Se você se portar bem...

Água, agua que vale seu peso em ouro; água, cuja menor gota tira da areia a centelha verde de uma folha... Quando chove em algum lugar, um grande êxodo anima o Saara. As tribos caminham para aquela erva que crescera a trezentos quilômetros de distância.

E essa agua tão avara, da qual não caiu nem uma gota em Port-Etienne durante dez anos, essa água roncava ali como se de uma cisterna arrebentada saltassem todas as provisões do mundo.

— Vamos embora—disselhes o guia.

Mas eles não se mexiam:

— Deixe-nos ficar um pouco mais...

Calavam-se e assistiam graves, mudos, ao desenrolar de um mistério solene. O que saltava assim, do ventre da montanha, era a vida, era o próprio sangue dos homens. A água que passava em um só segundo teria ressuscitado caravanas inteiras que, bêbadas de sede, haviam mergulhado, para sempre, no infinito dos lagos de sal e das miragens. Deus, ali, se manifestava: não se Lhe podia virar as costas. Deus abria suas represas e mostrava sua potência: os três mouros permaneciam imóveis.

— Que querem ver mais? Vamos embora...

— É preciso esperar.

— Esperar o quê?

— O fim.

Queriam esperar a hora em que Deus se cansasse de sua loucura. Ele se arrepende depressa, Ele é ávaro.

— Mas essa água corre ha milhares de anos!

Assim, naquela noite, eles não insistiam sobre a cascata. É melhor calar certos milagres. É melhor não pensar muito nessas coisas porque então não se compreende mais nada. Pode-se até duvidar de Deus...

— Veja você... o Deus dos franceses... Mas eu conheço bem esses meus amigos bárbaros. Ali estão eles, perturbados em sua fé, desconcertados, prestes à submissão.

Sonham em ser abastecidos de cevada pela intendência francesa e

viver garantidos pelas nossas tropas do Saara. E é verdade que, uma vez submissos, eles ganharão bastante em bens materiais.

Mas são, todos os três, do sangue de El Mammoun, emir de Trarza. (Não sei se escrevo errado o seu nome.)

Conheci-o quando era nosso vassalo. Admitido às honras oficiais pelos serviços prestados, enriquecido pelos governadores e respeitado pelas tribos, nada Lhe faltava, ao que parecia, das riquezas visiveis.

Mas uma noite, sem que nenhum sinal o fizesse prever, massacrou os oficiais que estavam em sua companhia no deserto, apoderou-se dos camelos, dos fuzis e foi se juntar às tribos insubmissas.

Da-se o nome de traições a essas subitas revoltas, a essas fugas, às vezes heróicas e desesperadas, de um chefe que volta ao deserto atrás de uma curta glória que se apagara bem cedo, como um fogo de artificio, em face da coluna volante de Atar. E admiram-se esses gestos de loucura.

Entretanto, a história de El Mammoun foi a de muitos outros árabes. Ele envelhecia. Quando a gente envelhece começa a meditar. Assim, uma tarde, descobriu que havia traído o Deus do Islã e que havia sujado a sua mão selando na mão dos cristãos um pacto em que perdia tudo.

Que lhe importavam, com efeito, a cevada e a paz? Guerreiro decaído que se tornou pastor, ele de repente se lembra de haver habitado um Saara onde cada dobra de areia era rica de ameaças escondidas, onde o acampamento, noite alta, destacava sentinelas em todas as direções, onde as notícias que chegavam dos movimentos dos inimigos faziam bater os corações em volta dos fogos noturnos. Lembra-se de um gosto de alto-mar—um gosto que, uma vez provado por um homem, nunca mais é esquecido.

Hoje, ele erra ingloriamente por uma terra pacificada, vazia de todo o prestígio. Hoje, somente hoje, o Saara é um deserto.

Talvez ele venere os oficiais que vai assassinar. Mas primeiro vem o amor de Alá.

— Boa noite, El Mammoun.

— Que Deus o proteja!

Os oficiais enrolam-se em suas cobertas esticadas na areia como numa jangada, sob os astros. E agora as estrelas caminham lentamente—um céu inteiro marcando a hora. Agora, a lua desce atras das areias, reconduzida ao nada pela Suprema Sabedoria. Os cristãos não tardam a dormir. Ainda alguns minutos, e só as estrelas brilharão.

Então, para que as tribos abastardadas sejam restabelecidas em seu passado esplendor, para que retomem suas correrias que dão um sentido luminoso ao deserto, bastará um grito fraco desses cristãos que serão afogados em seu próprio sono...

Ainda alguns segundos e do irreparável nascerá um mundo...

E os belos tenentes adormecidos são massacrados.

V

Em Juby, hoje, Kemal e seu irmão Mouvane me convidaram para tomar chá em sua tenda. Mouvane me olha em silencio e guarda uma reserva feroz, o véu azul esticado sobre a boca. Só Kemal fala comigo e faz as honras da casa:

— Minha tenda, meus camelos, minhas mulheres, meus escravos são seus. Sempre sem retirar os olhos de mim, Mouvane inclina-se para o irmão, diz algumas palavras e volta ao seu silêncio.

— Que diz ele?

— Diz: "Bonnafous roubou mil camelos do R' Gheihat."

Não conheço esse capitão Bonnafous, oficial meharista* da coluna de Atar. Mas conheço a sua grande legenda entre os mouros. Falam dele com ódio, mas como se fosse um deus. Sua presença valoriza o areal. Ele acaba de surgir hoje mesmo, sem se saber como, a retaguarda dos rezzous que marchavam para o Sul, roubando-lhes centenas de camelos, obrigando-os a lutar para salvar seus tesouros que pensavam estar em segurança. E agora, tendo salvo Atar por essa aparição de arcanjo, tendo feito seu acampamento num alto tabuleiro calcario, ele la permanece, de pé, como um desafio. E sua irradiação é tal que obriga as tribos a se porém em marcha para enfrentar seu gladio.

Mouvane me olha com mais dureza e novamente murmura alguma coisa. — Que diz ele?

Diz: "Partiremos amanhã em rezzou contra Ronnafous.

Trezentos fuzis."

Eu bem pressentira alguma coisa. Aqueles camelos que ha três dias estão sendo levados ao poço, aqueles conciliabulos, aquele fervor.

Parece que se apresta um veleiro invisivel. E o vento do largo, que o impulsionara, ja circula. Graças a Bonnafous cada passo para o Sul é um passo cheio de glória. Eu nem sei distinguir o que essas partidas contêm de ódio e de amor.

** Meharista: que monta uma mehara, espécie de dromedario muito veloz, utilizado na guerra. (N. T.)*

É suntuoso possuir no mundo um tão belo inimigo a assassinar. Onde ele surge, as tribos próximas recolhem as tendas, juntam os camelos e fogem, tremendo a ideia de encontra-lo face a face.

Mas as tribos mais distantes são tomadas de uma vertigem igual a vertigem do amor. Os homens abandonam a paz das tendas, os braços das mulheres. o sono feliz, e descobrem que no mundo nada seria melhor que, depois de dois meses de marcha extenuante para o Sul, dois meses de sede abrasadora, de longas esperas, de cócoras, sob o vento de areia, cair de surpresa, pela madrugada, sobre a coluna volante de Atar e então, se Deus quiser, assassinar o capitão Bonnafous.

— Bonnafous é forte—confessa-me Kemal.

Agora sei o segredo deles. Como o homem que deseja uma mulher sonha com o seu andar indiferente de passeio e se vira e revira a noite inteira, ferido, incendiado por aquele passear indiferente que ela continua em seus sonhos, eles são atormentados pelo passo distante de Bonnafous. Dominando os rezzous lançados contra ele, esse cristão vestido de mouro, à frente de seus duzentos piratas mouros, penetrou em território sublevado, onde o ultimo de seus próprios homens, longe da vigilância francesa, poderia abandonar a servidão, impunemente, e sacrifica-lo—o seu Deus - sobre as mesas de pedras; onde unicamente o seu prestígio o mantem, onde é a sua própria fraqueza que os espanta. E nesta noite, em meio aos sonhos roucos desses mouros, ele passa e volta a passar indiferente, e seus passos ressoam até no coração do deserto.

Mouvane medita, sempre imóvel no fundo da tenda, como um baixo-relevo de granito azul. Só brilham seus olhos e o punhal de prata, que não é um enfeite. Como ele mudou depois que reuniu o rezzou! Sente, como nunca, a sua própria nobreza. E esmaga-me com o seu desprezo. Porque vai marchar contra Bonnafous, porque partirá pela

madrugada levado por um ódio que tem todos os sinais do amor.

Ainda uma vez inclina-se para o irmão, fala em voz muito baixa e me olha. — Que diz ele?

— Diz que atirará em você se o encontrar longe do forte.

— Por quê?

— Ele diz: "Você tem os aviões e o telégrafo sem fio, você tem Bonnafous, mas não tem a verdade."

Mouyane está me julgando. imóvel em seus véus azuis de dobras de estátua. Ele diz: "Você come salada como as cabras e come porco como os porcos.

Suas mulheres sem pudor mostram o rosto.

Ele já as viu. Ele diz: "Você não reza nunca." Ele diz: "Para que lhe servem os aviões, o telégrafo sem fio e Bonnafous, se você não tem a verdade?" E eu admiro esse mouro que não defende a sua liberdade. porque no deserto sempre se é livre, que não defende tesouros visuais, porque o deserto é nu, mas que defende um reino secreto. No silêncio das ondas de areia Bonnafous conduz seu pelotão como um velho corsário. E graças a ele este acampamento de Cabo Juby não é mais um lar de pastores ociosos. A tempestade de Bonnafous pesa sobre seu flanco e, por causa dele, as tendas serão enroladas esta noite. E como é pungente esse silêncio para as bandas do Sul: é o silêncio de Bonnafous! Mouvane, velho caçador, sente no vento que ele caminha.

Quando Bonnafous voltar à França, seus inimigos, longe de se alegrarem, o chorarão, como se sua partida roubasse um dos pólos do deserto, um pouco de prestígio de suas existências. E eles me dirão:

— Por que ele vai embora, o seu Bonnafous?

— Não sei...

Ele jogou sua vida contra a deles, e durante anos aceitou suas regras de jogo. Dormiu com a cabeça apoiada às suas pedras.

Durante a eterna perseguição conheceu, como eles, as noites bíblicas, feitas de estrelas e de vento. E eis que ele mostra, indo-se embora, que não jogava um jogo essencial. Vai-se embora sem remorsos. E os mouros, que ele deixa jogando sozinhos, Perdem a confiança num sentido da vida que não prende mais os homens até a carne. Apesar de tudo querem acreditar nele: Bonnafous: ele voltará.

— Não sei...

Voltará, pensam os mouros. Os jogos da Europa não poderão mais contenta lo, nem os hridges da guarnição, nem a promoção, nem as mulheres. Voltara, atormentado pela nobreza perdida, para aquela terra onde cada passo faz bater o coração, como um passo para o amor. Pensou que aqui apenas havia vivido uma aventura e que la em sua terra acharia o essencial; mas descohrira com desgosto que as unicas riquezas verdadeiras ele as possuiu aqui, no deserto: o prestígio da areia, da noite, o silêncio, esta pátria de vento e de estrelas. E se Bonnafous voltar um dia, a notícia, desde a primeira noite, se espalhará pelas terras sublevadas. Os mouros saberão que ele está dormindo em alguma parte, no Saara, no meio de duzentos piratas. E então, à noite, em silêncio, levarão os mehara aos poços para beber água. Completarão as provisões de cevada. Verificarão as armas. Transportados por aquele ódio, ou por aquele amor.

VI

"Me esconde num avião para Marrakech." Toda tarde, em Juby, aquele velho escravo dos mouros me dirigia sua curta prece.

Depois disso, tendo feito o possível para viver, sentava-se sobre as pernas em cruz e preparava meu chá, tranqüilo por um dia, tendo se confiado, segundo supunha, ao unico médico que podia cura-lo, tendo rezado ao único deus que podia salvá-lo. E ficava ali, inclinado sobre a chaleira, ruminando as imagens simples de sua vida, as terras negras de Marrakech, suas casas cor-de-rosa, os bens elementares de que havia sido despojado. Não me queria mal pelo meu silêncio nem pela minha demora em fazê-lo voltar ávida: eu não era um homem semelhante a ele, mas uma força a pôr em marcha, alguma coisa como um vento favorável que um dia haveria de soprar sobre o seu destino.

Simples piloto, chefe de aeroporto por alguns meses em Cabo Juby, tendo por toda fortuna uma barraca encostada ao forte espanhol e nessa barraca uma bacia, um cântaro de agua salgada e uma cama estreita, eu alimentava bem poucas ilusões sobre meu poder:

— Vamos ver, velho Bark.

Todos os escravos se chamam Bark; portanto ele se chamava Bark. Apesar de quatro anos de cativeiro, ainda não estava resignado: lembrava-se de ter sido rei.

— Que é que você fazia em Marrakech, Bark?

Em Marrakech, onde sua mulher e os três filhos viviam ainda com toda a certeza, ele havia exercido uma profissão magnífica:

— Era pastor de rebanhos e me chamava Mohammed!

Lá os caíds* o convocavam:

— Tenho uns bois para vender, Mohammed. Va procura-los na montanha. Ou então:

— Tenho mil carneiros na planície. Suba com eles até as pastagens.

E Bark, armado de um cetro de oliveira, governava seu êxodo. Único responsável por uma população de ovelhas, caminhava com a obediência e a confiança de todas, fazendo atrasar as mais apressadas por causa dos cordeirinhos a nascer e obrigando a andar depressa as mais preguiçosas. Conhecedor único das terras mais altas para onde as conduzia, unico a saber ler sua rota nas estrelas, cheio de uma ciência que as ovelhas não possuem, ele era o unico a decidir, em sua sabedoria, a hora do repouso, a hora das fontes.

E de pé, à noite, enquanto o rebanho dormia, cheio de ternura por tanta fraqueza ignorante, e coberto de lã até os joelhos, Bark médico, profeta e rei rezava pelo seu povo.

Um dia os arabes o abordaram:

— Venha procurar uns animais nossos, no Sul.

Fizeram-no andar muito tempo, e quando, três dias após, ele estava bem seguro em um caminho fundo entre as montanhas, nos confins do território sublevado, muito simplesmente lhe puseram mão ao ombro, batizaram-no com o nome de Bark e o venderam.

** Magistrado indigena. (N. T.)*

Eu conhecia outros escravos, ía todo dia, sob as tendas, tomar cha. Esticado ali, descalço, sobre o tapete de lã grossa que é o luxodo nômade e no qual ele funda por algumas horas seu domicilio, eu gozava a viagem do dia. Sente-se, no deserto, a passagem do tempo. Sob o ardor do sol a gente está em marcha para a noite, para o vento fresco

que banhara nossos membros e lavara todo o suor. Sob o ardor do sol homens e bichos, tão seguramente como para a morte, avançam para o grande bebedouro que é a noite.

Assim a ociosidade nunca é vã. E todo dia parece belo como as estradas que vão para o mar.

Conhecia os escravos. Entravam na tenda quando o senhor havia tirado o fogareiro, a chaleira e os copos de sua caixa de tesouros, uma caixa pejada de objetos absurdos, cadeados sem chave, vasos de flores sem flores, espelhinhos baratos, velhas armas; objetos que assim, no meio do deserto, faziam pensar nos restos de um naufragio.

Então o escravo, mudo, junta gravetos secos, sopra para acender o fogo, enche a chaleira, movimentando, para esses serviços de criança, músculos capazes de arrancar cedros pelas raízes.

É manso. Sabe o que é sua vida: fazer o chá, tratar dos mehara, comer. Sob o ardor do sol marchar para a noite e sob o gelo das estrelas frias sonhar com o calor do dia.

Felizes os países do Norte em que as estações compõem, no verão, a lenda das neves, e, no inverno, a lenda do sol; tristes os trópicos, em cuja estufa nada muda muito; mas feliz tambem este Saara em que o dia e a noite balanceiam tão simplesmente o homem de uma esperança a outra.

As vezes o escravo negro, acocorado diante da porta, goza o vento da noite. Naquele corpo pesado de cativo as lembranças não se agitam mais. Talvez mal se lembre da hora do rapto, das pancadas, dos gritos, dos braços dos homens que o trouxeram para a noite presente. Mergulha, depois disso, num sono estranho, privado, como um cego, de seus rios lentos do Senegal ou de suas cidades brancas do sul de Marrocos, privado, como um surdo, das vozes familiares. Não é desgraçado, esse negro: é doente. Caído um dia no ciclo de vida dos nômades, ligado as suas migrações, preso pela vida as órbitas que eles descrevem no deserto, que conservara de comum, doravante, com um passado, um lar, uma mulher e uns filhos que estão para ele tão mortos como os mortos?

Homens que viveram muito tempo de um grande amor e depois foram privados dele, cansam-se, as vezes, de sua nobreza solitaria.

Reaproximam-se humildemente da vida, e de um amor mediocre fazem sua felicidade. Acharam doce abdicar, fazerem-se servis, entrar na paz das coisas. E o escravo faz seu orgulho de um gesto do senhor.

— Olhe, tome—diz às vezes o senhor ao cativo.

É a hora em que o senhor é bom para o escravo por causa daquele alivio de todas as fadigas, de todos os ardores do dia; porque os dois entram, lado a lado, na frescura da noite. Dá-lhe um copo de chá. E o escravo, cheio de reconhecimento, beijaria, por esse copo de chá, os joelhos do senhor. O cativo nunca é acorrentado. Não precisa disso. Como é fiel! Renega prudentemente em si mesmo o rei negro despojado: é apenas um escravo feliz.

Um dia, entretanto, ele será libertado. Quando estiver demasiado velho para valer sua alimentação e suas roupas. Então lhe será concedida uma completa liberdade. Durante três dias ele se oferecerá em vão de tenda em tenda, cada dia mais fraco. E no fim do terceiro dia, sempre bem comportado, ele se deitara na areia.

Eu os vi assim, em Juby, morrer nus. Os mouros assistiam à sua longa agonia, mas sem crueldade. E os meninos mouros brincavam ali, perto daquele
escuro trapo humano, e toda manhã iam ver se ele ainda se mexia, mas sem se rirem do velho servidor. Aquilo estava na ordem natural das coisas. Era como se lhe houvessem dito: "Você trabalhou bastante, tem direito ao sono, va dormir."

Sempre estendido no chão, ele sentia a fome, que é apenas uma vertigem, mas não a injustiça, que, esta sim, é um tormento.

Secado pelo sol, recebido pela terra. Trinta anos de trabalho, e, depois, o direito ao sono e à terra.

O primeiro que encontrei assim, não ouvi gemer: mas ele não tinha junto a quem gemer. Adivinhei nele uma espécie de obscuro consentimento, como o do montanhês perdido, sem forças, que se deita na neve e se envolve na neve e em seus sonhos. Não foi seu sofrimento que me impressionou: não creio que ele sofresse. Mas na morte de um homem um mundo desconhecido está morrendo.

E eu me perguntava que imagens estariam se apagando em seus olhos. Que plantações do Senegal, que alvas cidades do Marrocos Sul mergulhavam aos poucos no esquecimento. Eu não podia saber se, naquela massa escura, apenas se extinguiam as preocupações miseraveis: o chá a preparar, os animais a levar ao poço... se adormecia ali uma alma de escravo ou se, ressuscitado por uma ascensão de lembranças, o homem morria em toda a sua grandeza.

O osso duro do crânio era para mim igual à velha caixa de tesouros do mouro. Eu não podia saber que pedaços de seda colorida, que imagens de festa, que vestigios tão deslocados, tão inuteis naquele deserto haviam escapado ao naufrágio. A caixa estava ali, fechada, cheia. E eu não podia saber que parte do mundo se desfazia naquele homem durante o gigantesco sono dos últimos dias; que parte do mundo se desfazia naquela consciência, naquela carne que voltavam a ser, pouco a pouco, noite e raiz.

— Eu era pastor de rebanhos e me chamava Mohammed...

Bark, o cativo negro, foi o primeiro que conheci a resistir. Não importava que os mouros houvessem violado sua liberdade e o tivessem posto, um dia, mais nu que um recém-nascido. Há tempestades de Deus que destroem assim, em uma hora, as searas do homem. Mais profundamente, porém, que aos seus bens, os mouros o ameaçavam em sua personalidade. E Bark não abdicava, enquanto tantos outros escravos deixariam morrer dentro de si o pobre condutor de animais que trabalhava o ano inteiro para ganhar o pão.

Bark não se instalava na servidão como um homem se instala, cansado de esperar, em uma felicidade medíocre. Não queria fazer das bondades do senhor de escravos suas alegrias de escravo.

Reservava para o Mohammed ausente aquela casa que Mohammed havia ocupado dentro de seu peito. Aquela casa triste de estar vazia, mas que nenhum outro poderia ocupar. Bark era como esses velhos guardas encanecidos que, junto às árvores da alameda, e no tédio do silêncio, morrem de fidelidade.

Não dizia: "Eu sou Mohammed ben Lhaoussin", e sim "Eu me chamava Mohammed", sonhando com o dia em que o personagem esquecido ressuscitaria, expulsando, com sua simples ressurreição, a aparência do escravo. As vezes, no silêncio da noite, todas as saudades lhe vinham, com a plenitude de uma cantiga da infância.

"No meio da noite—contava nosso intérprete mouro—no meio da noite ele falou de Marrakech e chorou." Ninguem escapa, na solidão, a esses regressos. O outro despertava nele, sem prevenir, estirava-se em seus próprios membros, procurou a mulher ao seu lado, ali no deserto onde nunca mulher nenhuma se aproximou de Bark; ouvia cantar as aguas da fonte, ali, onde fonte nenhuma correu jamais. E Bark, de olhos

fechados, pensava habitar uma casa branca, parada toda noite sob a mesma estrela ali, onde homens moram em tendas e viajam atras do vento.

Cheio dessas velhas ternuras misteriosamente ressuscitadas, Bark vinha a mim. Queria me dizer que tudo estava preparado.

que todas as suas ternuras estavam preparadas e que apenas lhe faltava, para distribui-las, voltar para casa. Li bastaria um sinal meu. E Bark sorria me indicando o truque em que com certeza eu não havia pensado ainda:

— É amanhã que segue o correio. Me esconde num avião para Agadir... Pobre velho Bark!

Estavamos em território dos dissidentes. Como poderíamos ajuda-lo a fugir? No dia seguinte os mouros vingariam, Deus sabe com que massacre, o roubo e a ofensa. Eu bem havia tentado compra-lo, ajudado pelos mecânicos do posto, Laubergue, Marchal e Abgrall, mas não é todo o dia que os mouros encontram europeus dispostos a comprar escravos. Sabem disso e abusam:

— Vinte mil francos.

— Está louco?

— Repare: ele tem os braços fortes...

E assim passaram meses.

Afinal as pretensões dos mouros baixaram e, ajudado por amigos da França aos quais havia escrito, vi-me em condições de comprar o velho Bark. Foram longas negociações. Durante oito dias, que passamos sentados em circulo, na areia, 15 mouros e eu. Um amigo do proprietario, e que também era meu amigo, Zin Ould Rhattari, um bandoleiro, me ajudava secretamente: — É melhor vender. De qualquer jeito você vai perdê-lo, dizia ele, seguindo minhas instruções, ao proprietário.—Ele está doente. O mal não se vê a principio, mas está la dentro do corpo.

Num dia qualquer, de repente ele aparece. É melhor vender logo aos franceses.

Eu havia prometido uma comissão a um outro bandido, Raggi, se ele me ajudasse a fechar o negócio; e Raggi tentava o proprietario:

— Com esse dinheiro você podera comprar camelos, fuzis e balas. Assim poderá organizar um rezzou e fazer guerra aos franceses. Um dia você

prendera três ou quatro escravos novos da coluna de Atar. É melhor liquidar esse velho...

E Bark me foi vendido. Fechei-o a chave durante seis dias em nosso barracão, porque se ele ficasse andando ali por fora antes da passagem do correio os mouros o pegariam outra vez para vendê-lo mais longe.

Mas eu o livrei logo de sua condição de escravo. Foi uma bela cerimonia. Veio o marabu*, o antigo proprietário e Ihrahim, o caíd de Juby. Aqueles três piratas que teriam cortado a cabeça ao pobre Bark se o achassem a vinte metros do forte, pelo simples prazer de me pregar uma peça, o abraçaram ternamente e assinaram uma ata oficial.

— Agora, você é nosso filho.

Era meu tambem, segundo a lei.

E Bark abraçou todos os seus pais.

Viveu em nossa barraca, em doce cativeiro, até o momento da partida. Pedia que lhe descrevessem vinte vezes por dia a viagem facil: desceria do avião em Agadir, e receberia, ali, uma passagem de ônibus para Marrakech. Bark brincava de homem livre como uma criança brinca de explorador: aquela sua marcha para a vida, aquele ônibus, aquelas multidões, aquelas cidades que ia rever...

** Sacerdote muçumano. (N .T.)*

Laubergue veio falar comigo em nome de Marchal e de Abgrall. Era preciso que Bark não morresse de fome depois do desembarque. Deram me mil francos para lhe entregar; assim Bark poderia procurar trabalho. E eu pensava nessas velhotas de obras pias que "fazem caridade", dão vinte francos e exigem a gratidão. Laubergue, Marchal e Abgrall, mecânicos de avião, dando mil francos não faziam caridade e muito menos exigiam gratidão. Nem mesmo agiam por piedade, como essas velhotas que sonham com a felicidade. Contribuiam, simplesmente, para devolver a um homem sua dignidade de homem. Sabiam muito bem, como eu, que, uma vez passada a embriaguez da volta, a primeira amiga fiel que apareceria diante de Bark seria a miséria. E que, antes de três meses, ele estaria penando numa linha de estrada de ferro, a arrancar dormentes. Seria menos feliz que em nossa casa, no deserto. Mas tinha o direito de ser ele mesmo entre os seus.

— Então, velho Bark, va-se embora e seja um homem.

O avião vibrava, prestes a partir. Bark inclinava-se uma ultima vez

sobre a imensa paisagem desolada de cabo Juby. Diante do avião uns duzentos mouros estavam reunidos para ver como é a cara de um escravo às portas da vida. Eles o recuperariam um pouco mais adiante, no caso de uma pane.

E nós faziamos gestos de adeus ao nosso recém-nascido de cinqüenta anos, um pouco comovidos por soltá-lo mundo afora.

— Adeus, Bark!

— Não.

— Não, como?

— Não. Eu sou Mohammed ben Lhaoussin.

Tivemos noticias suas pela última vez por intermédio do arahe Abdallah que, a nosso pedido, cuidou de Bark em Agadir.

O ônibus só partiria à noite e Bark dispunha, assim, de um dia inteiro livre. A princípio errou longamente pela cidadezinha sem dizer palavra. Abdallah sentiu que ele estava inquieto e se comoveu:

— Que há?

— Nada...

Bark, na opulência daquela libertação súbita, não sentia ainda bem sua própria ressurreição. Parecia, na verdade, gozar de uma felicidade surda mas, alem dessa liberdade, quase não havia diferença entre o Bark de ontem e o Bark de hoje. Entretanto, dali em diante ele partilhava, em igualdade de condições, com os outros homens, o direito ao sol e o direito de se sentar ali, sob o caramanchel de um café árabe.

Sentou-se. Mandou vir chá para Abdallah e para si. Era seu primeiro gesto de senhor: seu poder devia transfigurá-lo. Mas o garçom lhe serviu o chá sem surpresa, como se o seu gesto fosse banal. Não sentia, servindo aquele cha, que estava glorificando um homem livre.

— Vamos dar uma volta por aí—disse Bark.

Subiram para o Casbá, que domina Agadir. As pequenas dançarinas berberes vieram ao seu encontro. Mostravam tanta provisão de ternura que Bark pensou reviver: seriam elas que, sem o saber, o acolheriam na vida. Segurando-o pela mão, elas lhe ofereceram chá muito gentilmente, mas como o fariam a qualquer
outro. Bark quis contar-lhes a história de sua ressurreição. Elas riram docemente. Estavam contentes por ele, porque ele estava contente. Ele acrescentou para maravilhá-las: "Eu sou Mohammed ben Lhaoussin."

Mas isso não as surpreendeu. Todos os homens têm um nome, e muitos deles voltam de tão longe...

Bark arrastou ainda Abdallah para a cidade. Errou diante das lojinhas dos judeus, olhou o mar, imaginou que poderia andar à vontade em qualquer direção, que era livre... Mas essa liberdade lhe pareceu amarga: ela lhe revelava sobretudo como ele estava sem ligação com o mundo.

Então, como passasse um menino, Bark lhe acariciou docemente o rosto. O menino sorriu. Não era filho de senhor que se adula.

Era uma fragil criança a quem Bark concedia uma carícia. E que sorria. E essa criança despertou Bark, e Bark se sentiu um pouco mais importante sobre a terra por causa de uma criança frágil que lhe sorria. Começava a planejar alguma coisa e andava agora a passos largos.

— Que está procurando?—perguntou Abdallah.

— Nada—respondeu Bark.

Mas quando desembocou, na esquina de uma rua, diante de um grupo de crianças que brincavam, ele se deteve. Era ali. Olhou-as em silêncio. Depois, tendo se afastado para as lojinhas dos judeus, voltou com os braços carregados de presentes. Abdallah irritou-se:

— Imbecil, guarde seu dinheiro!

Mas Bark não o ouvia. Gravemente ia fazendo um sinal a cada criança. E as mãozinhas se estenderam para receber os brinquedos, os braceletes, as pantufas douradas. E cada criança, quando segurava bem seu tesouro, saía correndo e fugia, selvagem.

As outras crianças de Agadir, sabendo da novidade, correram para ele: Bark as calçou com pantufas de ouro. E nos arredores de Agadir outras crianças, movidas por aquele rumor, vieram correndo numa gritaria para o deus negro. Agarradas as suas vestimentas de escravo, reclamavam presentes. Bark arruinava-se.

Abdallah supôs que ele houvesse ficado louco de alegria. Mas eu creio que para Bark não se tratava de repartir um excesso de alegria.

Possuía, desde que era livre, os bens essenciais, o direito de se fazer amar, de caminhar para o Norte OU para o Sul, de ganhar seu pão pelo seu trabalho. Para que o dinheiro? Sentia, como se sente uma fome profunda, a necessidade de ser um homem entre os homens, ligado aos homens. As dançarinas de Agadir se